

ANA CRISTINA FERREIRA NETO
JOÃO PAULO ANGELI
LUCIANA MELLO RIBEIRO
ROSANI BORBA
ROSELI BARQUEZ ALVES DE ASSIS
ROSELI BERNARDETE DAHLEM PACHECO
SUELLEN MAYARA PÉRES DE OLIVEIRA



CONSTRUINDO A POLÍTICA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

RELATOS DO COLETIVO EDUCADOR
DE FOZ DO IGUAÇU



Ana Cristina Ferreira Neta
João Paulo Angeli
Luciana Mello Ribeiro
Rosani Borba
Roseli Barquez Alves de Assis
Roseli Bernardete Dahlem Pacheco
Suellen Mayara Péres de Oliveira

CONSTRUINDO A POLÍTICA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL
Relatos do Coletivo Educador de Foz do Iguaçu

1ª edição

Foz do Iguaçu - PR

Scriptória

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Agência Brasileira do ISBN - Bibliotecária Priscila Pena Machado CRB-7/6971

A582 Angeli, João Paulo.
Construindo a Política Municipal de Educação Ambiental
: relatos de Coletivo Educador de Foz do Iguaçu / João Paulo
Angeli . . . [et al.]. - 1. ed. - Foz do Iguaçu : J. P.
Angeli, 2019.
96 p. : il. ; 23 cm.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-81310-01-1

1. Educação ambiental. 2. Política ambiental. 3. Meio Ambiente - Políticas públicas. 4. Sustentabilidade.
I. Coletivo Educador de Foz do Iguaçu (CEMFI). II. Título.

CDD 363.7



Ana Cristina Ferreira Neta - Conteudista de materiais didáticos, professora e pesquisadora colaboradora do Observatório Educador Ambiental-MV. Graduada em Geografia pela UFCG Mestre em Geografia pela UFPB. Doutoranda pela Universidade Autónoma de Lisboa. Propositora e coordenadora nas oficinas de Cartografia Social.

João Paulo Angeli - Graduando em Antropologia, Educador Ambiental, mobilizador social, membro do Parlamento da Água e do Coletivo Jovem, Gestor do Coletivo Educador Municipal de Foz do Iguaçu.

Luciana Mello Ribeiro - Professora da Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA), bióloga, mestre e doutora em Educação. Educadora ambiental desde 1993, integra o Coletivo Educador, fundou e coordena o Observatório Educador Ambiental Moema Viezzer juntamente com a professora Suellen Oliveira desde 2015.

Rosani Borba - Servidora pública municipal da educação de Foz do Iguaçu e educadora ambiental fruto da influência de pessoas especiais e projetos nesse belo pedaço do mundo. Academicamente, sou formada em Letras e mestre em Ensino. Sou parte do Coletivo Educador desde a sua criação em 2009.

Roseli Barquez Alves de Assis - Professora da Rede Municipal de Ensino de Foz do Iguaçu desde 1990, Mestre em Ciências da Educação, integrante da equipe de educação ambiental do Centro de Educação Ambiental do Iguaçu - CEAI, gestora de educação ambiental do Coletivo Educador Municipal.

Roseli Bernardete Dahlem Pacheco - Historiadora e turismóloga, mestre e doutora em Geografia, professora da rede pública de educação desde 1989 e educadora ambiental desde 2000. Atualmente docente no Instituto Federal do Paraná e coordenadora de projetos de extensão na área de educação ambiental.

Suellen Mayara Péres de Oliveira - Historiadora, mestre e doutora em História. Atuo como professora universitária no curso de Relações Internacionais e Integração da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Sou co-fundadora do Observatório Educador Ambiental Moema Viezzer, onde atuo desde 2015.

Sumário

Prefácio	06
Apresentação	09
Agradecimentos	10
Capítulo 1	
Histórico do Coletivo Educador de Foz do Iguaçu - PR (CEMFI)	11
Capítulo 2	
Documentos Inspiradores	21
Capítulo 3	
Construção da Política Municipal de Educação Ambiental: nosso jeito de fazer	34
Capítulo 4	
O olhar dos moradores para a construção da política municipal de educação Ambiental	49
Capítulo 5	
Nossos aprendizados	80
Bibliografia	95

Prefácio

Por Moema Viezzer (*)

Ano de 2019. O **Coletivo Educador de Foz do Iguaçu (CEMFI)** completa 10 anos! Notícia importante para o município e para a educação popular ambiental. Muito mais do que um simples aniversário, é um fato histórico no município a ser devidamente comemorado, registrado, divulgado e que – assim seja! – será lembrado como o início de uma nova década de compromisso em educação ambiental.

São poucas as pessoas que visivelmente compõem o Coletivo Educador de Foz do Iguaçu, mas para começo de conversa, é importante saber que as pessoas que integram individualmente um Coletivo Educador também representam parcelas importantes da população através das instituições envolvidas. No caso de Foz do Iguaçu, as pessoas que integram o Coletivo Educador, jovens e adultas, com sua presença individual trazem a participação de várias instituições e grupos sociais do município, vamos lá então: Observatório Educador Ambiental Moema Viezzer (EAMV) da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Parque da Aves, Parque Nacional do Iguaçu (PNI), Associação Brasil Internacional de Inventores, Cientistas e Empreendedores Inovadores (Abipir), Instituto Chico Mendez de Conservação da Biodiversidade, Universidade Estadual do Oeste Paranaense (Unioeste), Instituto Federal do Paraná (IFPR), Núcleo Regional de Educação de Foz do Iguaçu (NRE), Companhia de Saneamento do Paraná (Sanepar), Coletivo Jovem (CJ), Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SMMA), Centro de Controle de Zoonoses (CCZ), Associação Oeste Paranaense dos Engenheiros Ambientais (AOPEA), Casas Ajita, Secretaria Municipal da Agricultura (SMAG), Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs), Colégio Estadual Santa Rita e Escoteiros Guairacá, entre outros.

Em outras palavras: cada integrante do Coletivo Educador é o **Centro de uma Rede de Relações** pessoais e institucionais e, como tal, atua nas iniciativas do Coletivo Educador.

Outro aspecto importante a ser destacado é a sustentação econômica deste Coletivo Educador, inicialmente apoiado pela Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu e pela ITAIPU Binacional através do Programa Cultivando Água Boa (CAB). Com a experiência adquirida e para poder levar adiante as propostas que emergem das necessidades locais, o CEMFI adquiriu a prática do *crowdfunding*, a começar com instituições do próprio município. A título de exemplo, lembramos: a nova edição do Programa de Formação de Educadores e Educadoras Populares (FEA) do município passou a ser coordenado pelo Instituto Federal do Paraná – IFPR; a presente publicação, fruto do envolvimento de vários membros do CEMFI, está sendo impressa com o apoio da Itaipu Binacional, Conselho de desenvolvimento dos municípios lindeiros ao lago de Itaipu e do Parque das Aves; a confecção participativa da Cartografia Social das microbacias existentes no município foi possível graças à participação da UNILA no Coletivo. A busca constante da auto-sustentação é um “Tendão de Aquiles” para qualquer Coletivo Educador. E o CEMFI até o momento está se saindo muito bem.

Outra questão a ser ressaltada é que este **ponto de chegada** na celebração de 10 anos é um novo **ponto de partida** para o CEMFI, a partir de sua realidade local. Poucos municípios brasileiros integram, em sua realidade econômica, social e ambiental, tantas variáveis como o município de Foz do Iguaçu, no qual convivem pessoas de 80 nacionalidades e que, além de ser vizinho de dois países diferentes, é um dos pontos turísticos mais importantes do Brasil. Com uma população de aproximadamente 260.000 habitantes, Foz do Iguaçu recebe anualmente quase 2.000.000 de turistas vindos de todas as partes do globo e dispõe de uma rede hoteleira que já disponibiliza 28.000 leitos, sendo esta rede responsável por boa parte da produção e da comercialização do município. Nada é mero detalhe nestas questões ligadas à economia, à sociedade e ao meio ambiente, que precisam ser tratadas como tal nas gestões administrativas e nas leis municipais, como também nos programas de educação ambiental promovidos ou acompanhados pelo Coletivo Educador, os quais devem incluir, não só todos os municípios, mas também, e com destaque no caso de Foz do Iguaçu, recomendações específicas para os que vêm de fora.

A publicação que segue, dividida em quatro partes, traz à tona várias questões.

I. A Linha do Tempo, na primeira parte, mostra as várias fases e faces deste Coletivo, em sua construção, afirmação e sobrevivência, ao longo de 10 anos – 365 dias por ano, iluminados pela clareza de objetivos e metas e alimentados com compromisso, competência e perseverança.

As datas e as conquistas assim mostradas não dão conta da carga da energia, imaginação, criatividade, realizações e também resistências que marcaram muitos momentos desta caminhada. Nem tudo são flores, principalmente quando as propostas se

expressam em ações que podem incluir assuntos, como a construção participativa de uma cartografia das microbacias hidrográficas do município, publicações como a Agenda 21 Infantil ou a Carta da Terra para crianças, traduzida em libras, para alcançar crianças surdas, para citar alguns exemplos.

O ditado popular: “uma andorinha sozinha não faz verão” aplica-se muito aos resultados alcançados ao longo destes 10 anos em Foz do Iguaçu, eles são frutos de uma construção da **inteligência coletiva**. A produção de conhecimento e de práticas sustentáveis a partir do diálogo de saberes, da sinergia criada, dos avanços coletivos monitorados e da celebração das conquistas permitiram chegar até onde este coletivo educador chegou e quer avançar.

2. A Segunda Parte, sobre Documentos Planetários orientadores, demonstra como “nada caiu do céu por descuido”, pois o CEMFI não brotou do nada, ele tem raízes sólidas nos documentos planetários que orientam a consciência e a educação ambiental que, ao tratar do **binômio meio ambiente-sociedade**, sempre trazem à tona o **binômio local-global**.

A publicação situa a década de 1950 como um marco da humanidade em relação à questão ambiental. Eu diria que, se bem este período não deixa de ser uma espécie de “despertar da civilização branca”, é importante lembrar as civilizações anteriores que viveram há muito tempo no território de nosso continente e conheceram outra relação sociedade-natureza. Neste sentido, cito aqui um trecho da famosa carta do cacique Sioux Noah Seatle escrita ao Presidente dos Estados Unidos, Franklin Pierce, em 1831, em resposta ao seu pedido de compra das terras indígenas: *“Para meu povo, toda esta terra é sagrada (...). Tudo o que fere a terra fere também os filhos da terra”*.

Considerada por muitos como o primeiro documento escrito do movimento ecológico, esta carta influenciou muitos defensores do meio ambiente ao longo do século XX, durante o qual, o **movimento ambientalista** junto com o **movimento feminista** esteve no topo dos movimentos globais do século XX, caracterizado pelo maior número de conferências e documentos globais sociais e ambientais.

Em relação aos **Documentos Planetários**, o texto que segue dá destaque a dois que emergiram na Rio-92 como fruto da mobilização da sociedade civil planetária: **a Carta da Terra e o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global**. No Brasil, esses dois documentos transformaram-se nos dois pilares das políticas públicas nacionais de educação ambiental, sendo o estudo e aplicação destes documentos considerados fundamentais para a alimentação e retroalimentação da Educação Socioambiental.

O caminho das **cúpulas internacionais** para as **planícies dos territórios locais** é sempre longo, muitas vezes, tortuoso. Mas este é o teste do cumprimento das boas intenções expressas nas declarações globais: é quando elas aterrissam e são aplicadas nos territórios dos municípios e de outros territórios como são, por exemplo, as unidades de conservação e áreas de proteção ambiental (grandes ou pequenas), as bacias, sub-bacias e microbacias hidrográficas.

Esta identificação diferenciada de territórios é importante, uma vez que os mesmos podem transcender as fronteiras traçadas pela geopolítica vigente. Foz do Iguaçu é um caso específico desta questão: banhado pelo Rio Paraná que ali recebe o Rio Iguaçu em sua foz, o município se situa exatamente onde o rio Paraná banha os municípios da chamada Tríplice Fronteira (Brasil, Paraguai, Argentina), com todas as implicações internacionais que dali decorrem do ponto de vista geográfico, econômico, social, ambiental e político para os países envolvidos. Todas estas questões são assuntos para educação ambiental.

3. A terceira parte é sobre a Lei Municipal de Educação Ambiental. Neste aspecto também o CEMFI está de parabéns ao propor-se transformar em Lei Municipal o que já foi pesquisado, estudado, construído e vivenciado ao longo de 10 anos por um grupo significativo de cidadãos e cidadãs do município, **atores sociais aprendizes da sustentabilidade**. A formatação destes frutos da inteligência coletiva como Lei para todas e todos os munícipes é um dos instrumentos básicos para o avanço na busca constante da sustentabilidade do município, tendo no horizonte a imagem de Foz do Iguaçu como um **Município Educador Sustentável**.

Sabemos que muitas leis municipais, estaduais e nacionais não vingam porque não conseguem sair do papel para a prática. Além disso, todos já experimentamos, particularmente quando mudam gestões de governos, como uma lei pode sofrer pressões para não ser aplicada, tanto por parte do executivo e do legislativo como, inclusive, do judiciário. Isto pode acontecer, como está acontecendo atualmente, nos âmbitos municipal, estadual e nacional, principalmente onde existe mais pressão do poder econômico. Não por acaso, educadores e educadoras ambientais têm incluído no cardápio de sua formação, o estudo das leis que regem as questões ambientais e querem também a educação ambiental, como lei a ser aplicada.

O quarto capítulo reforça esta mesma temática, explicando o processo realizado nas microbacias do município de Foz do

Iguaçu com a metodologia da Cartografia Social. Duas entrevistas pessoais por microbacia antecederam as oficinas que reuniram 83 habitantes das mesmas, ao mesmo tempo que 400 questionários circularam pela internet chegando a um público amplo, com as mesmas questões e preocupações. Afinal, uma política de educação ambiental se constrói a partir da realidade visualizada e estudada com o máximo de contribuições da população.

É interessante observar, na leitura destes dois últimos capítulos, o novo processo em andamento no Coletivo Educador de Foz do Iguaçu. Em seus inícios, o CEMFI participou de várias **Oficinas do Futuro** do Programa Cultivando Água Boa em diversas microbacias. Mas, agora, o eixo condutor é diferente. Nas oficinas de futuro o mote era: problemas enfrentados (muro das lamentações), soluções possíveis (a árvore da esperança) e propostas (o caminho adiante). Neste momento, o Coletivo Educador é o sujeito que promove um caminho adiante para o município, a partir de uma nova pesquisa da realidade. Mas agrega o recolhimento de boas práticas já existentes, fomentadas ao longo destes anos nestas mesmas microbacias. Além disso, os 400 questionários respondidos *on-line* dão ao CEMFI retornos importantes a serem analisados também em relação a outros Atores Sociais que deverão constar nas propostas da Lei Municipal de Educação Ambiental de Foz do Iguaçu. Complementando:

Gostaria de reforçar algumas questões vitais para qualquer Coletivo Educador. Inicialmente, lembrar que o **lugar da educação ambiental é todo e qualquer lugar** e que qualquer agrupamento humano precisa ser transformado em agrupamento de **cidadãos e cidadãos ecoeducados**. Neste sentido, faz parte da missão de um Coletivo Educador tornar-se uma espécie de **observatório socioambiental** que transcende os bancos da escola e atua na escola da vida, promovendo a **capilaridade e enraizamento da educação ambiental para a sustentabilidade** em todas as áreas do conhecimento e em todos os espaços da Comunidade de Vida.

Neste sentido, é muito importante lembrar também o que foi promovido pelo Programa Nacional de Educação Ambiental (Pro-NEA), a partir de 2003, para implementar a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), trazida até o nível dos municípios de todo o país tais como: Programa de Formação de Educadores e Educadoras Ambientais (FEA); criação de Salas Verdes; transformação de parques, praças, rios, hortos, hortas e outros em espaços educativos; a educação socioambiental como assunto de projetos pedagógicos transdisciplinares em escolas, institutos de educação, universidades; utilização de locais e instituições como sindicatos, associações, ONGs, igrejas, clubes de serviço, empresas, meios de comunicação, para desenvolver encontros destinados a promover e monitorar iniciativas de educação ambiental. Há um acúmulo de conhecimentos e práticas de educação ambiental que podem ser aproveitadas no momento presente.

Concluo estas linhas com meus bons votos de longa vida ao Coletivo Educador de Foz do Iguaçu! De maneira especial, desejo-lhe muita persistência e resiliência neste momento bem difícil que o nosso país vive com o desmonte das políticas públicas socioambientais e o desmantelamento de organizações públicas responsáveis pela preservação do meio ambiente. Já são visíveis as consequências diretas para a qualidade de vida de seres humanos e não humanos que habitam as cidades, os campos, as florestas, os rios e os mares.

Nesta perspectiva, o ditado “uma andorinha sozinha não faz verão” pode ser um bom lembrete para qualquer Coletivo Educador que continua atuando no Brasil. O CEMFI sabe disso: são milhões de pessoas envolvidas em centenas de coletivos educadores e de outras agrupações e entidades locais, regionais, estaduais, nacionais, ocupados em formar cidadãos e cidadãos ecoeducados e continuam avançando em direção à sustentabilidade para não permitir a destruição do que foi construído ao longo de anos. Talvez até por causa disto, a educação ambiental hoje é, mais do que nunca, uma necessidade premente para transformar a relação dos seres humanos com os demais seres da Comunidade de Vida, humanos e não-humanos.

Esta é a insistência primordial da Carta da Terra e do Tratado de Educação Ambiental, os dois pilares que orientam nosso trabalho em rede, desenvolvido por movimentos nacionais como a REBEA (Rede Brasileira de Educação Ambiental), a ANPPEA (Articulação Nacional de Políticas Públicas de Educação Ambiental) e a recém-criada REAPOPOP (Rede de Educação Ambiental em Políticas Públicas), entre outras iniciativas que nos remetem ao cultivo e aprimoramento da **inteligência coletiva**.

Como seres que viemos do útero da Terra, não podemos abrir mão de querer viver bem com nossa **Mãe-Terra**. É de extrema urgência aprender a utilizar os benefícios naturais como **bens comuns** e não como meros **recursos** mercadológicos. Para tanto, deixar de tratar a Terra como **objeto** e aprender a considerá-la como **sujeito**, como aquela que nos provê do que precisamos para viver e como tal deve ser cuidada.

Esta atitude que integra nossa **aprendizagem transformadora**, nos leva a transcender o imediatismo marcado pela ânsia de ter sempre mais e nos conduz a aprender a ser sujeitos humanos responsáveis por nossa interferência na Comunidade de Vida. É uma atitude de quem tem em mente não só as gerações atuais, mas também as futuras gerações para as quais queremos afirmar: *“O planeta está um pouco melhor aqui, porque nós passamos por aqui”*. Para nós, significa continuar atuando como quem acredita que *“outro mundo é possível... Se a gente quiser”*.

Moema Viezzer

Socióloga, educadora popular socioambiental

Apresentação

Querido(a) leitor(a),

Essa publicação que chega até você foi feita com muito carinho e dedicação. É um trabalho feito com muitas mãos, mentes e amores diferentes, mas que se unem na Educação Ambiental e no cuidado planetário.

As páginas que você vai ler, foram escritas por pessoas que fazem parte de um grupo chamado Coletivo Educador Municipal de Foz do Iguaçu que, em 2019, está completando 10 anos de atuação na nossa cidade. Estas pessoas representam instituições: como instituições de ensino, empresas, secretarias municipais, igrejas, associações, ONGs e entre outras.

Essa publicação começa contando brevemente a caminhada do Coletivo Educador e como a Educação Ambiental ganhou espaço dentro das instituições representadas, indo além delas, como uma rede de referência para movimentos que se organizam a partir da inteligência coletiva buscando a transformação da realidade local.

Na continuidade, relata a construção participativa da Política Municipal de Educação Ambiental, que é a principal ação em andamento do Coletivo Educador neste momento. Esse é o relato de nossos primeiros passos dessa caminhada que teve como primeira atividade ouvir a comunidade. Resta ainda apresentar os resultados dessa conversa com a comunidade - e este livro contribui para isso - bem como elaborar e aprovar a lei municipal de educação ambiental, onde devem estar incluídas as necessidades e propostas dos cidadãos iguaçuenses. Nesta etapa você, leitor, será fundamental! Contamos com sua presença nas consultas públicas que ainda serão feitas.

Essa publicação também apresenta os principais documentos, com suas ideias e princípios, que nos inspiram e nos fortalecem. Esses materiais, conhecidos como Documentos Planetários, são frutos de diálogos nacionais e internacionais que trazem as reflexões dos movimentos sociais e dos governos sobre a temática socioambiental e contribuem para que Coletivo Educador busque uma aproximação, ainda maior, com a comunidade com objetivo de construir a Política Municipal de Educação Ambiental. Esse encontro se deu por meio de diálogos, trocas de experiências e construções metodológicas que nos possibilitaram um novo jeito de olhar a nossa realidade.

VOCÊ vai passear por diferentes lugares da nossa cidade navegando pelos nossos rios, vai conhecer pessoas muito especiais, projetos e ações que são desenvolvidas para melhorar o ar, a água, a terra e as próprias pessoas. Quem sabe vai se reconhecer ou então reconhecer vizinhos, amigos e até mesmo descobrir que pertinho da sua casa existem ações acontecendo com que você poderá colaborar.

Juntar todas essas informações de modo que seja um retrato da nossa cidade, exigiu muita pesquisa, encontros e o empenho de muitas pessoas, por isso o carinho especial e zelo por esse material tão importante que agora entregamos em suas mãos.

Nosso desejo é que esta publicação que entregamos a você leitor, saia das prateleiras e chegue ao maior número de pessoas. Que seja inspirador e usado para ajudar muitas ações em nosso território, tanto para os que já estão envolvidos com a prática da Educação Ambiental, como também para aqueles que desejam fazer diferença na sua vida e na vida de outras pessoas, tendo como base a sustentabilidade.

Com esta publicação jogamos sementes. Que elas caiam em terra fértil, germinem e deem belos e deliciosos frutos e que, com isso possamos juntos seguir na construção de um município dia a dia mais saudável e melhor para viver.

Boa leitura.

Agradecimentos

À todas as instituições que fazem, e já fizeram parte do Coletivo Educador, em especial à Itaipu Binacional, ao Conselho de Desenvolvimento dos Municípios Lindeiros do Lago de Itaipu e à Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu, os quais contribuíram no processo de constituição do Coletivo Educador, por meio de convênios, aportando recursos para várias ações que nos fortaleceram enquanto rede de atuação, entre elas esse livro.

À essa rede de atuação, queremos deixar a nossa gratidão, em especial: aos espaços que nos acolheram na realização das oficinas: Centro da Juventude (CEJU), a Escola Municipal Escola Municipal Augusto Werner, Instituto Federal do Paraná (IFPR), Colégio Agrícola Estadual Manoel Moreira Pena, Salão da igreja Nossa Senhora de Fátima, Biblioteca Comunitária do Bairro Cidade Nova (CNI).

Agradecemos o transporte e o lanche solidário, gentilmente oferecidos em rodízio pelas instituições parceiras e membros do Coletivo, como o CCZ.

Ao Parque das Aves pela parceria na contratação da Agência Fog, que fez a diagramação dessa obra, nosso muito obrigado/a.

A Anne Paolle Jeziorny da Silva pela gentil e atenta revisão desse material, gratidão.

Aos voluntários do Coletivo Educador que trabalharam no projeto “Percepção Ambiental”, especialmente aos alunos e professores da Unila e do IFPR.

Aos moradores e moradoras de Foz do Iguaçu que se empenharam em articular mais pessoas para participar dos nossos encontros.

Finalmente, agradecemos também a Iracema Cerutti e Kleber Ramirez, por auxiliar com as memórias para a escrita do histórico do Coletivo. E a Joyce Mendez e Yeison Ramirez, pelo apoio na organização das fotos e dados.

OBRIGADO/A.

Capítulo 1

Histórico do Coletivo Educador de Foz do Iguaçu - PR (CEMFI)



“Para seguir adiante, devemos reconhecer que, no meio de uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. Devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz. Para chegar a este propósito, é imperativo que nós, os povos da Terra, declaremos nossa responsabilidade uns para com os outros, com a grande comunidade da vida, e com as futuras gerações” (Carta da Terra).

As palavras sustentabilidade, cidadania planetária, ética ambiental, meio ambiente e Educação Ambiental fazem parte do nosso cotidiano nos últimos tempos, assim como o desenvolvimento de programas, ações, atividades socioambientais e a criação de leis. Isso tudo reflete a transformação no nosso comportamento e percepção em relação ao cuidado com o planeta Terra.

Cada vez mais, o ser humano vem reconhecendo que certas escolhas e ações geram impactos, interferindo na qualidade de vida de toda a comunidade existente no planeta.

Em Foz do Iguaçu, extremo oeste do Paraná, muitas pessoas também estão preocupadas e trabalhando com a questão ambiental há bastante tempo. Desde a década de 1980, uma série de eventos uniu diversas instituições e foi dando forma ao movimento da Educação Ambiental municipal.



Vamos entender isso na linha do tempo:

1980

Na década de 1980, a Itaipu Binacional, usina hidrelétrica localizada no Rio Paraná, por meio de suas estruturas educadoras, o Ecomuseu de Itaipu e o Refúgio Biológico Bela Vista, passou a desenvolver atividades de conservação e proteção da natureza, de reconhecimento e valorização da cultura indígena e da história local com as escolas dos 16 Municípios Lindeiros ao Lago de Itaipu.

1990

Em 1993, foi criada a Secretaria Municipal do Meio Ambiente e Paisagismo de Foz do Iguaçu (SMMA) e logo após, a Divisão de Orientação Ambiental com o objetivo de atuar junto a Educação Ambiental formal e não formal do município. Desde então e até hoje, o setor de Educação Ambiental nunca mais parou. São projetos, eventos e ações dos mais diversos tipos, como por exemplo:



- A** Professor Destaque Ambiental e acantonamento ecológico;
- B** Que Rio é esse?;
- C** Quero Beber dessa Água;
- D** Agenda 21 infantil;
- E** Implantação da Sala Verde;
- F** Cursos de formação de professores.

Entre outros.



Em junho de 1998, em meio a muitas mudanças políticas no país, o CEAI, que estava sob os cuidados da Itaipu Binacional juntamente com a UNIOESTE e prefeitura de Foz, foi desativado. Apesar disso, atividades de EA foram mantidas por essas instituições e suas diversas parceiras.

Em 1998, para fazer frente às demandas na área de Educação Ambiental com enfoque na região, foi criado o **Programa Linha Ecológica**, numa parceria entre Itaipu e os 16 municípios lindeiros ao Lago.

2000

Em 2000, foi criada a Escola Parque, como setor de Educação Ambiental do Parque Nacional do Iguaçu (PNI), com a parceria entre Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) - órgão gestor na época, e a Prefeitura de Foz do Iguaçu. Entre 2001 e 2016, a Escola Parque ofereceu cursos para formação de docentes para os docentes dos municípios do entorno do parque e ações na área de educação com a comunidade.

Em 2004, por meio da política federal implementada pelo Programa Nacional de Educação de Educação Ambiental, em uma parceria inédita entre municípios da Bacia do Paraná 3 e do entorno do Parque Nacional do Iguaçu, com o apoio da Itaipu Binacional, Parque Nacional do Iguaçu, UNIOESTE e outras instituições presentes na região, foi desenvolvido o Programa de Formação de Educadores Ambientais, denominado Coletivo Educador da Bacia do Paraná 3.





Em 2009, os vários municípios membros do Coletivo Educador da Bacia do Paraná 3 criaram seus próprios coletivos, os Coletivos Educadores Municipais. Nesse movimento, formou-se também o Coletivo Educador Municipal de Foz do Iguaçu (CEMFI).



Mas o que é um Coletivo Educador? De acordo com Ferraro e Sorrentino (2005, p.59) “o coletivo educador é a união de pessoas que trazem o apoio de suas instituições para um processo de atuação educacional em um território” e tem como objetivo “promover reflexão crítica, aprofundamento conceitual, instrumentalização para a ação, proatividade dos seus participantes e articulação institucional visando a continuidade e sinergia de processos de aprendizagem de modo a percolar, de forma permanente todo o tecido social da região”. Em outras palavras: a união de pessoas interessadas em melhorar a vida na sua comunidade.





2010

Em 2011, o Coletivo Educador Municipal juntamente com a Secretaria Municipal de Meio Ambiente, lançou o livro *Agenda 21 Infantil: o enraizamento da proposta nos centros municipais de Educação Infantil de Foz do Iguaçu - PR.*

Em 2012, o governo municipal, com apoio do Coletivo Educador, retomou a ideia de um Centro de Educação Ambiental e criou o CEAI, numa das áreas do Zoológico Bosque Guarani.



Em 2012, houve também a elaboração da cartilha da “Carta da Terra para crianças”, numa parceria com a Itaipu Binacional e o Conselho de Desenvolvimento dos Municípios Lindeiros ao Lago de Itaipu e o Governo Municipal de Foz do Iguaçu. Esta cartilha foi distribuída aos alunos das escolas da rede municipal de Foz do Iguaçu e dos municípios da Bacia Paraná 3.

No mesmo ano, é publicado o livro *Atividades e Dinâmicas Socioambientais para Educação Infantil: resultados do programa Agenda 21 Infantil nos Centros Municipais de Educação Infantil.*



Entre 2014 e 2015, foram produzidas 05 edições do “Jornal do Coletivo Educador”, e distribuídos para as escolas do ensino fundamental de Foz do Iguaçu.



O ano de 2015 foi importante para que mais pessoas pudessem participar em processos e momentos de formação demonstrando o amadurecimento do Coletivo Educador de Foz. Isso pode ser percebido pela oferta de cursos com destaque para o Parque das Aves, o Parque Nacional do Iguaçu (PNI) e a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA).

No ano de 2017 houve a produção do curta metragem **“Carta da Terra para crianças surdas - o Filme”** em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).



**Não deixe
de conferir esse
trabalho super especial**

[https://www.youtube.com/
watch?v=75JrdzuGld4](https://www.youtube.com/watch?v=75JrdzuGld4)



Também em 2017 houve o início das atividades do Projeto de extensão “Elaboração da Política Municipal de Educação Ambiental por meio do Coletivo Educador do município de Foz do Iguaçu”, ofertado pelo Instituto Federal do Paraná (IFPR). Essa ação pretende formar os participantes do Coletivo para a elaboração dessa política de modo participativo.



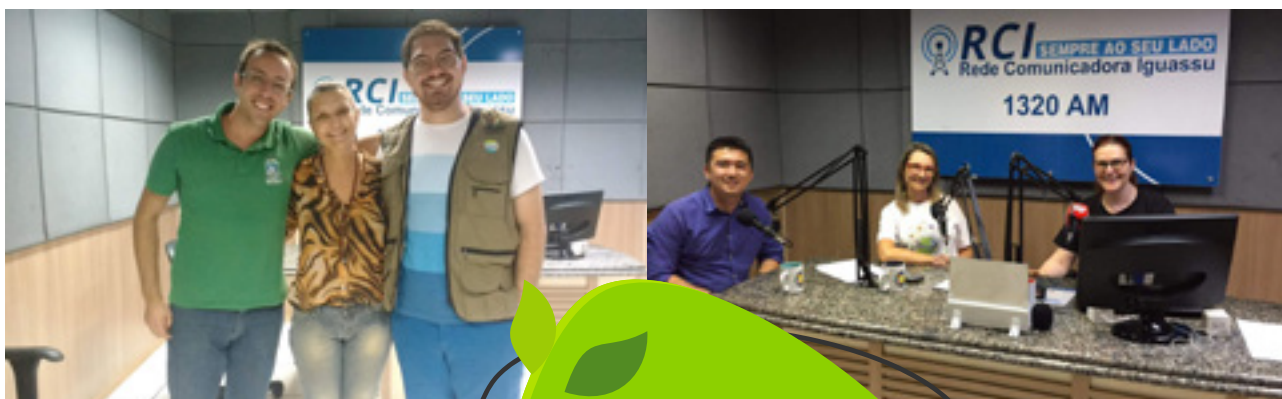
Em 2018, colaborando com essa iniciativa, a UNILA, outro membro do Coletivo, coordenou o projeto “Marco Zero: Percepção Ambiental na condição de fundamento para a Política Municipal de Educação Ambiental”. O objetivo desse diagnóstico foi conhecer como os moradores de Foz entendem os problemas ambientais e projetos de sua comunidade.



No ano de 2018, buscando ampliar cada vez mais o número de pessoas envolvidos com as questões socioambientais, o Coletivo Educador Municipal ofertou o “Programa de Formação de Educadores Ambientais (FEA) do município de Foz do Iguaçu”. Essa formação se constitui em um projeto de extensão e foi elaborado e vem sendo executado em parceria com a participação de 45 inscritos.



Desde 2018, o Coletivo Educador Municipal vem ganhando espaço nos meios de comunicação. Um destaque é que desde junho do referido ano, o Coletivo Educador Municipal passou a contar com um programa semanal em rádio AM, na Rede Comunicação Iguassu (RCI), que também é transmitido pelas redes sociais.



O Coletivo Educador também sai no jornal! Você pode ver as notícias mais recentes (2017 a 2019) aqui:

<https://drive.google.com/open?id=1FMzberwy3FIKqeTAWwFbE75FLushqgiZ>





Desde 2010, anualmente, são realizados eventos nas datas comemorativas: Dia da Água, Semana do Meio Ambiente e Dia da Árvore.



Esses são, resumidamente, alguns dos momentos mais marcantes de nossa caminhada. É importante destacar que, fora dos limites municipais, o Coletivo Educador Municipal de Foz do Iguaçu também faz atividades. Aqui estão alguns exemplos:



Em 2015, o Coletivo Educador Municipal participou do seminário e lançamento do livro “Como construir políticas públicas de educação ambiental para sociedades sustentáveis?” com a publicação de um capítulo do livro que retrata o histórico do Coletivo Educador Municipal de Foz do Iguaçu com o nome Histórico e Vivências de um Coletivo Educador: o caso de Foz do Iguaçu. Nesse evento também foi lançada a Articulação Nacional de Políticas Públicas de Educação Ambiental (ANPPEA) –, em Piracicaba/SP.

Veja um resumo de como foi esse seminário:

<http://www.florespi.org.br/oca-lanca-livro-sobre-politicas-publicas-de-educacao-ambiental/>

Para acessar o livro onde está registrada parte da nossa história, acesse:

http://www.florespi.org.br/wp-content/uploads/2015/08/como-construir-pp-ebook-01_junho.pdf

Participação em duas edições do Innovacities (anos de 2016 e 2018), esse é um evento internacional realizado pela Associação Brasil Internacional de Inventores, Cientistas e Empreendedores Inovadores (ABIPIR). Em 2016, o Coletivo Educador Municipal foi premiado com o segundo lugar em exemplo de tecnologia social.





Em 2017, o Coletivo Educador Municipal apresentou sua experiência no Seminário “Diálogos sobre os Desafios Socioambientais Contemporâneos” que aconteceu entre os dias 01 e 02 de junho no Sesc Vila Mariana/SP.

Você pode assistir um resumo de como foi esse seminário onde nosso coletivo sendo escolhido para apresentar o que fazemos para chegar à sustentabilidade, acesse o link:

http://www.florespi.org.br/wp-content/uploads/2015/08/como-construir-pp-ebook-01_junho.pdf

Em 2018, o município integrou a programação do Dia Mundial da limpeza realizado no dia 15 de setembro. Participaram ativamente dessa atividade instituições como Corpo de Bombeiros, Associação do Oeste Paranaense de Engenheiros Ambientais (AOPEA), Sanepar e Governo Municipal.



Participação e publicações em eventos regionais e nacionais como o Encontro Paranaense de Educação Ambiental (EPEA) e Fórum Brasileiro de Educação Ambiental (FBEA) com apresentação de experiências do Coletivo Educador Municipal.

Com a “Carta da Terra para Crianças Surdas – o filme”, o Coletivo Educador Municipal recebeu a premiação como experiência transformadora pela Agência Nacional das Águas (ANA) e o Ministério de Meio Ambiente (MMA). O curta metragem compôs a publicação lançada no Fórum Mundial da Água em 2018 e passou a integrar o Circuito Tela Verde, sendo acessado por todo o país.



Quer saber mais sobre como foi o ano de 2018 do Coletivo Educador? Assista o nosso vídeo retrospectiva:

<https://youtu.be/SQHctA8GnNO>



Capítulo 2

Histórico do Coletivo Educador de Foz do Iguaçu - PR (CEMFI)

DOCUMENTOS INSPIRADORES

Tudo na vida tem história. Quando falamos da preocupação ambiental nos chama a atenção a década de 1950. Pessoas de várias partes do mundo começaram a sentir os efeitos da poluição, pois foram muitos desastres industriais, mortes e doenças. A exemplo do Japão, onde os moradores da Baía de Minamata preocuparam-se com o nascimento de crianças sem cérebro e a grande quantidade de peixes, sua principal fonte de renda, que morriam ou tinham feridas cancerosas, devido a contaminação por mercúrio.

Diante desses acontecimentos, as populações locais resolveram se organizar, passaram a denunciar os problemas, a exigir resoluções das empresas e do poder público. Por isso, os governantes começaram a se preocupar, principalmente na Europa, onde os países são menores e mais próximos. Pois o mesmo rio atravessa vários países, o ar e a água não respeitam as fronteiras políticas e se movem, levando junto a poluição que houver. Essa situação começou a causar mal estar entre países vizinhos. O rio Danúbio, por exemplo, atravessa nove países (Alemanha, Áustria, República Tcheca, Croácia, Hungria, Sérvia, Romênia, Bulgária e Ucrânia), nesse caso, se a Alemanha poluisse o rio os países, por onde ele passa em seguida, receberiam junto a poluição alemã.

Nesta época, a Europa estava muito sensível a possíveis conflitos, a Segunda Guerra Mundial recém havia terminado e ninguém queria viver o horror da guerra novamente. Para mediar o diálogo nasceu a Organização das Nações Unidas (ONU), que foi criada justamente para evitar o surgimento de novas guerras e para ajudar os países a encontrar soluções conjuntas. Por este motivo, ela começou a receber demandas de várias nações europeias devido à poluição do ar. Então, no período de 5 a 16 de junho de 1972, a ONU convocou todos os países para uma grande reunião onde todos estes problemas puderam ser tratados. Essa reunião se chamou Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano, ficou conhecida como Conferência de Estocolmo. A ideia do encontro era melhorar as relações humanas com o restante da natureza, buscando equilíbrio entre desenvolvimento econômico e redução da degradação ambiental (poluição urbana e rural, desmatamento, erosão etc).

Durante o encontro foi criado o primeiro documento de direito internacional que reconhece como direito humano o ambiente de qualidade e saudável, seu nome Declaração da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano. Naquele momento, pela primeira vez, o mundo dirigiu sua atenção para os problemas do crescimento da população global, da poluição atmosférica e da intensa exploração da natureza. Cento e treze países compareceram nesta Conferência e surgiram várias propostas, entre elas, a de educar ambientalmente os povos do mundo. Para detalhar como deveria ser esse tipo de educação foi organizada uma outra reunião, exclusiva para isso, que ficou conhecida como Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental ou Conferência de Tbilisi, realizada na Geórgia, país da antiga União Soviética, em 1977.

Mas para que essa nova reunião de fato fosse produtiva e funcionasse, entre 1972 e 1977, a ONU fez o seu dever de casa. Encomendou a dois órgãos seus, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), que preparassem tudo para dar certo. Estes dois órgãos organizaram encontros preparatórios em todos os continentes para ouvir os países e formar a massa crítica, realizaram uma pesquisa sobre as necessidades e prioridades internacionais, quanto Educação Ambiental, com a participação de 80% dos Estados-Membros da ONU e, também fizeram estudos experimentais sobre Educação Ambiental em todas as regiões, formando uma rede internacional de informações a respeito do assunto.

A Conferência de Tbilisi foi o ponto de partida para existir o Programa Internacional de Educação Ambiental (PIEA) porque foi decidida a natureza da Educação Ambiental, definidos seus objetivos, características, funções e estratégias didáticas e políticas. O aspecto mais marcante da discussão foi o entendimento que a Educação Ambiental é elemento essencial para uma educação global e permanente, voltada para a solução dos problemas e com a ativa participação de todos.

Outra coisa muito importante decidida em Tbilisi foi o funcionamento da Educação Ambiental: ela deveria estar em todos os níveis de ensino em vez de ser uma matéria a mais. Para eles, a EA deveria orientar, portanto, os sistemas de educação para haver maior realismo e conexão entre sociedades humanas e o restante da natureza, a fim de criar maior bem estar para as comunidades. Isto é, de modo interdisciplinar ela deveria fazer a cooperação entre as disciplinas tradicionais, indispensáveis à percepção da complexidade dos problemas ambientais e à construção de soluções. Como destacado na Conferência de Tbilisi “para que a Educação Ambiental alcance seus objetivos, não basta torná-la um complemento dos programas educativos. É necessário encarar as preocupações relativas ao meio ambiente como uma dimensão e uma função permanentes da educação escolar e extra-escolar, em seu sentido mais amplo” (Tbilisi, 1977). Ou seja, a Educação Ambiental deveria ser um agente de renovação dos sistemas de ensino.

Essa pequena história é importante e vai nos ajudar a entender alguns pontos que os documentos sobre a Educação Ambiental nos trazem: a necessidade dela ser participativa, interdisciplinar, ocorrer ao longo da vida toda (permanente) e usar a resolução de problemas ambientais locais como ponto de partida das ações educativas. Muitos países, por efeito dessas conferências internacionais, passaram a criar leis regulamentando a Educação Ambiental.

Isso também aconteceu no Brasil, onde a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) foi sancionada pela Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. A assinatura dessa lei teve grande influência de um evento que aconteceu em 1992 - a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, também conhecida como ECO 92 ou Rio-92, que recebeu esse nome por ter se realizado na cidade do Rio de Janeiro, em junho de 1992.

A ECO-92 / RIO-92

A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, realizada entre 03 a 14 de junho de 1992, envolveu chefes de Estado e foi organizada pela ONU e teve como objetivo debater soluções para os problemas ambientais mundiais.



A Conferência produziu alguns documentos oficiais importantes:

- A Carta da Terra;
- A declaração de princípios sobre florestas;
- A declaração do Rio sobre Meio Ambiente e desenvolvimento;
- A agenda 21;
- A convenção sobre diversidade biológica, tratando da proteção da biodiversidade;
- A convenção das Nações Unidas de combate à desertificação;
- A convenção-quadro das Nações Unidas sobre a mudança do clima, tratando das mudanças climáticas globais (mais tarde denominado protocolo de Kyoto).



Durante a Rio 92, além dessa reunião diplomática, dos governos, ocorreu em paralelo o Fórum Global de ONGs e Movimentos Sociais. A intenção foi reunir pessoas do mundo todo, interessadas na questão ambiental, para se organizarem e influenciarem na escolha das soluções para os problemas ambientais.

Mas por que fazer um evento paralelo? Bem, na conferência oficial da ONU apenas as equipes de governo poderiam votar e decidir. Gente comum do mundo todo queria ser ouvida e poder participar das decisões. Essas pessoas consideravam que os governos são lentos e precisam ser lembrados sobre o que devem fazer. Estima-se que entre 20 e 30 mil pessoas, considerando representantes de ONGs, universidades, governos e mídia, tiveram participação direta no encontro. No Fórum Global (evento paralelo) foi construído um documento central para a Educação Ambiental: o **Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global**.

Você vai ver, a seguir, vários momentos em que a Rio-92 é citada, porque esse evento foi a origem e a inspiração para vários documentos importantes da Educação Ambiental (EA) no Brasil e no mundo, que são conhecidos com o nome de Documentos Planetários. Entre eles, destacamos a Carta da Terra e o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, esses documentos foram de extrema importância para a EA brasileira e inspiraram a Lei Nacional da Educação Ambiental, o Programa Nacional de EA, o Programa Nacional de Formação de Educadores Ambientais, o surgimento das redes de Educação Ambiental, os Centros de Educação Ambiental, as Salas Verdes, os Coletivos Educadores e Coletivos Jovens.

Outro evento importante, dessa vez para Foz do Iguaçu, foi a realização da Conferência Internacional Mercosul, Meio Ambiente e Aspectos Transfronteiriços, conhecida como ECOSUL 92, organizada com os países do Mercosul (Mercado Comum do Sul). Esse evento foi realizado após a Rio-92, demonstrando a preocupação com a questão ambiental como tema de cooperação entre os países.

Toda essa produção da época da Rio-92 anima nossa caminhada, porque tem como princípio o cuidado ambiental planetário. Nas próximas páginas vamos conhecer melhor esses textos que nos tornam mais amigos da nossa casa comum. É importante conhecer um pouco desses documentos porque a ação do Coletivo Educador Municipal de Foz do Iguaçu também é nutrida por eles.



Carta da Terra

A Carta da Terra é um dos documentos planetários construído por várias mãos. Pessoas do mundo inteiro se reuniram em comissões propostas pelas Nações Unidas e geridas pelas ONGs com os movimentos sociais e ambientais. Juntos, contribuíram com suas visões de mundo e de futuro chegando a um documento coletivo, que apresenta para a comunidade global os valores compartilhados por vários países para os cuidados com o planeta Terra, contendo princípios possíveis para viver em uma sociedade sustentável.

As discussões começaram ainda na Rio-92 e levaram quase duas décadas de consultas, análises e reflexões para chegar ao documento final, em 26 de junho de 2000. Paulo Freire e Leonardo Boff, dois brasileiros importantes para a Educação e a Sustentabilidade, participaram da elaboração da Carta da Terra e levaram a voz do Brasil para dentro do documento.

A CARTA DA TERRA ESTÁ ESTRUTURADA EM QUATRO GRANDES PRINCÍPIOS:

1

Respeito e cuidado pela comunidade da vida

- 1.1 - Respeitar a Terra e a vida em toda sua diversidade;
- 1.2 - Cuidar da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor;
- 1.3 - Construir sociedades democráticas que sejam justas, participativas, sustentáveis e pacíficas;
- 1.4 - Garantir as dádivas e a beleza da Terra para as atuais e as futuras gerações.

2

Integridade Ecológica

- 2.1 - Proteger e restaurar a integridade dos sistemas ecológicos da Terra, com especial preocupação pela diversidade biológica e pelos processos naturais que sustentam a vida;
- 2.2 - Prevenir o dano ao ambiente como o melhor método de proteção ambiental e, quando o conhecimento for limitado, assumir uma postura de precaução;
- 2.3 - Adotar padrões de produção, consumo e reprodução que protejam as capacidades regenerativas da Terra, os direitos humanos e o bem-estar comunitário;
- 2.4 - Avançar o estudo da sustentabilidade ecológica e promover a troca aberta e a ampla aplicação do conhecimento adquirido.

3

Justiça Social e Econômica

- 3.1 - Erradicar a pobreza como um imperativo ético, social e ambiental;
- 3.2 - Garantir que as atividades e instituições econômicas em todos os níveis promovam o desenvolvimento humano de forma equitativa e sustentável;
- 3.3 - Afirmar a igualdade e a equidade de gênero como pré-requisitos para o desenvolvimento sustentável e assegurar o acesso universal à educação, assistência de saúde e às oportunidades econômicas;
- 3.4 - Defender, sem discriminação, os direitos de todas as pessoas a um ambiente natural e social, capaz de assegurar a dignidade humana, a saúde corporal e o bem-estar espiritual, concedendo especial atenção aos direitos dos povos indígenas e minorias.

4

Democracia, não-violência e paz

- 4.1 - Fortalecer as instituições democráticas em todos os níveis e proporcionar-lhes transparência e prestação de contas no exercício do governo, participação inclusiva na tomada de decisões, e acesso à justiça;
- 4.2 - Integrar, na educação formal e na aprendizagem ao longo da vida, os conhecimentos, valores e habilidades necessárias para um modo de vida sustentável;
- 4.3 - Tratar todos os seres vivos com respeito e consideração;
- 4.4 - Promover uma cultura de tolerância, não violência e paz.

O documento busca inspirar as pessoas e diferentes setores da sociedade para um novo sentido de interdependência global e responsabilidade compartilhada, voltado para o bem-estar de toda a família humana, da grande comunidade da vida e das futuras gerações. É uma visão de esperança, mas também um chamado para a ação e a ética da responsabilidade com o planeta.

Desde sua assinatura, a Carta da Terra tem sido utilizada por muitas organizações que representam milhões de pessoas, incluindo a Conferência de Estados Membros da UNESCO, a União Internacional para Conservação da Natureza (UICN), os governos nacionais e ministérios, associações nacionais e internacionais, juntamente com centenas de cidades e povos em dezenas de países. Também foi adotada por muitos líderes políticos e da sociedade civil, vencedores do Prêmio Nobel e vários chefes de Estado.



Ficou interessado em ler na íntegra a Carta da Terra? Acesse:
<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/cartadaterra.pdf>



“Que o nosso tempo seja lembrado pelo despertar de uma nova reverência face à vida, pelo compromisso firme de alcançar a sustentabilidade, a intensificação da luta pela justiça e pela paz, e a alegre celebração da vida.”

(Carta da Terra)

MÃO NA MASSA

E você, agora que conheceu a Carta da Terra, como pode colocar seus princípios em prática?



Você pode ler os 4 princípios da Carta da Terra e fazer um compromisso pessoal com o planeta? Faça e convide a outras pessoas da sua comunidade.

Grave e poste um vídeo com as hashtags: #CartadaTerra #ColetivoEducadorFoz #EuFaçoADiferença e marque quem também deveria assumir esse compromisso.

TRATADO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA SOCIEDADES SUSTENTÁVEIS E RESPONSABILIDADE GLOBAL

Durante a preparação da Rio-92 houve a preocupação que Organizações Não Governamentais (ONGs) e Movimentos Sociais se articulassem para participar ativamente do evento, com o desenvolvimento de atividades paralelas. No Brasil, o Fórum Brasileiro de ONGs e Movimentos Sociais Rio-92 (FBOMS) inseriu, paulatinamente, entre os diversos temas escolhidos, o da Educação Ambiental.

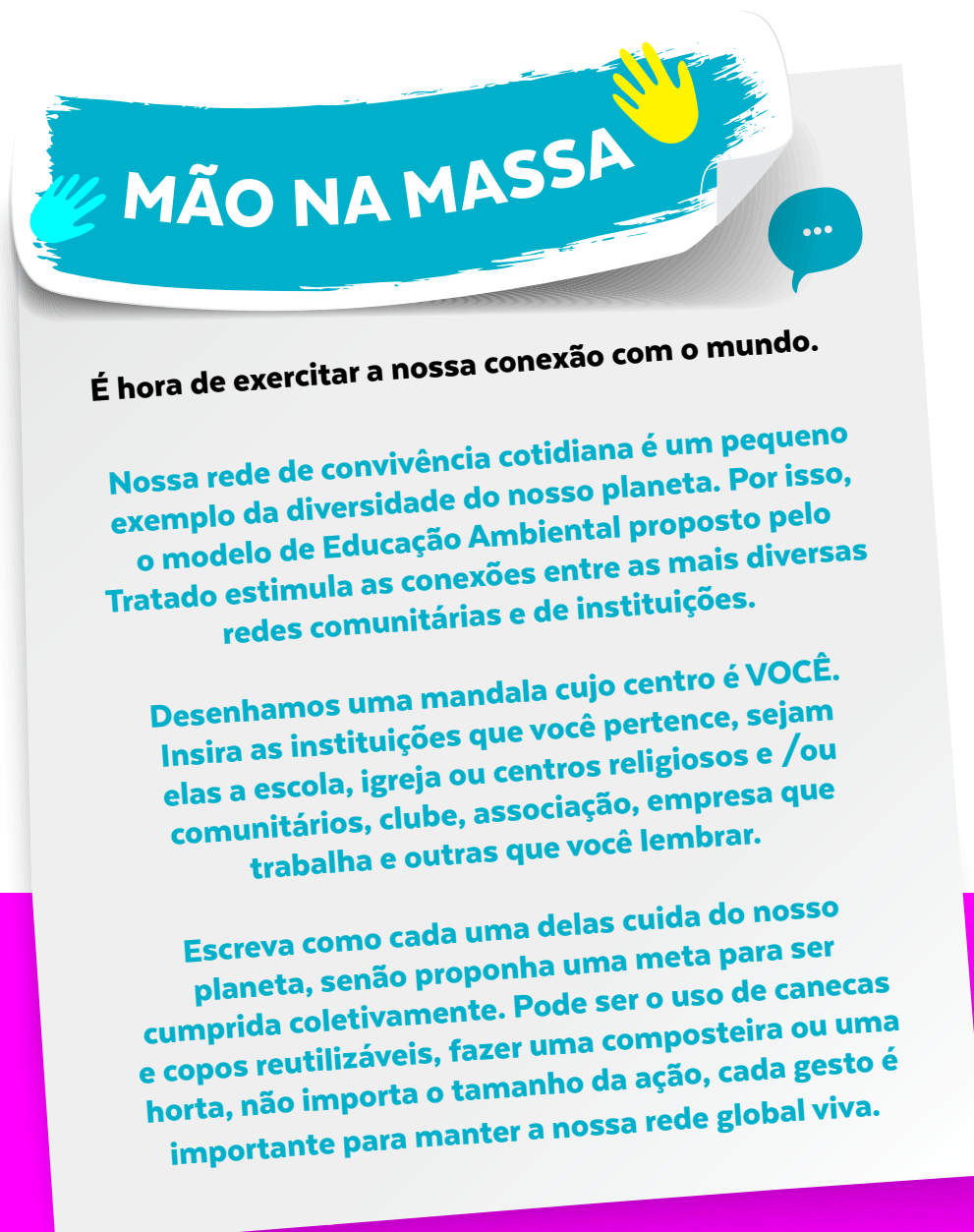
Inicialmente tinha-se a ideia de elaborar uma Carta de Educação Ambiental, com a contribuição de todos os participantes dessa atividade paralela, porém com a evolução dos acontecimentos, por ocasião dos Eventos das Comissões Preparatórias (Prepcoms) da Rio-92 e participação das ONGs inscritas, surgiu a ideia de “Tratados” das Organizações da Sociedade Civil que participariam da conferência. Essa ideia foi aceita, pois os participantes entendiam que as decisões em relação ao futuro perfil da humanidade não poderia ser apenas decisões dos governos ou representações diplomáticas, mas um direito de todos.

Os diálogos sobre o Tratado de EA concentraram-se na Tenda nº 06 da Rio-92, que foi uma das maiores do Aterro do Flamengo. Este tratado representou o início de um processo de pensar a educação de forma integral e a partir

da vida. Também vem servindo para orientar pesquisas, seminários de debates e novos programas educacionais tanto na rede formal de ensino como em ONGs e movimentos sociais. Ele tornou-se a Carta de Princípios da Rede Brasileira de Educação Ambiental, e das demais redes de EA a ela entrelaçadas, e subsidiou também o Programa Nacional de Educação Ambiental levado a sua implementação pelo Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental.

O Tratado de EA conta com 16 parágrafos nos quais define que a Educação Ambiental deve: ser um direito de todos e ter como base um princípio crítico e inovador; ser um ato político, tendo uma visão integradora, tratando de questões globais sem desmerecer nenhum dos povos; valorizar todas as formas de conhecimento; planejar e capacitar as pessoas para a Educação Ambiental e cooperar com o diálogo entre indivíduos e instituições.

Este documento também traz um plano de ação, estabelecido em 22 parágrafos e entre suas principais diretrizes de ação destaca-se o incentivo à produção de conhecimento compartilhado entre instituições que tenham compromisso com a sustentabilidade, estimulando a cooperação entre ONG, governos e movimentos sociais para os problemas ambientais.



MÃO NA MASSA

É hora de exercitar a nossa conexão com o mundo.

Nossa rede de convivência cotidiana é um pequeno exemplo da diversidade do nosso planeta. Por isso, o modelo de Educação Ambiental proposto pelo Tratado estimula as conexões entre as mais diversas redes comunitárias e de instituições.

Desenhamos uma mandala cujo centro é VOCÊ. Insira as instituições que você pertence, sejam elas a escola, igreja ou centros religiosos e /ou comunitários, clube, associação, empresa que trabalha e outras que você lembrar.

Escreva como cada uma delas cuida do nosso planeta, senão proponha uma meta para ser cumprida coletivamente. Pode ser o uso de canecas e copos reutilizáveis, fazer uma composteira ou uma horta, não importa o tamanho da ação, cada gesto é importante para manter a nossa rede global viva.



Coletivo Educador



Foz do Iguaçu

AGENDA 2030 E OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Na Rio-92, os chefes dos estados-parte do evento concordaram em construir uma agenda comum, cujas ações tivessem como prioridade os seres humanos e a proteção ambiental, tornando-se lei em todos os países. Adotaram a primeira carta governamental de intenções para promover, em escala planetária, um novo padrão de desenvolvimento para o século XXI, que ficou conhecida como Agenda 21. Nessa agenda planetária foram definidos oito Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) que tinham como data de implantação o ano de 2015.

Para ver como estava o processo de implantação dos ODM foi lançada uma consulta, avaliando os resultados. Todos esses diálogos serviram para organizar a Conferência Rio+20, em 2012. Nesse evento, 193 delegações, além de representantes da sociedade civil, voltaram à cidade do Rio de Janeiro para renovar o compromisso global com o desenvolvimento sustentável.

Nesse evento foi definida a necessidade de ampliar os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) e também os prazos para a implementação de ações para o desenvolvimento sustentável. Para isso, entre 2012 e 2015, foram envolvidas pessoas de 70 países, incluindo contribuições especializadas da sociedade civil, da comunidade científica e do sistema das Nações Unidas. Com essas contribuições, a Assembleia Geral da ONU, em 2015, aprovou a proposta que recebeu o nome de Agenda 2030 (porque traz metas a serem cumpridas até o ano de 2030). Essa agenda possui 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) com 169 metas. Objetivos esses que são integrados e indivisíveis, e mesclam, de forma equilibrada, as três dimensões do desenvolvimento sustentável: a econômica, a social e a ambiental.



Ficou Curioso sobre os ODS e quer ajudar a construir alternativas para o seu bairro que impactem diretamente na vida do planeta?

MÃO NA MASSA

Junte-se com a sua comunidade, grupo de jovens, sua escola, clube de mães ou com seus amigos e escolha as metas da Agenda 2030 dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável que podem ser implantadas em sua comunidade.

Você só precisa analisar os 17 objetivos e observar as ações que já você faz e as que podem ser feitas, construindo assim uma agenda comum de futuro, com o lema “Pensar Global e Agir Localmente”. Ah, e tem um detalhe, os ODS são inclusivos e tem um lema “sem deixar ninguém para trás”.
E aí, vamos nessa?

Acesse o vídeo da ONU e conheça ainda mais sobre esse tema:
<https://www.youtube.com/watch?v=ZSrhXP4-aec>

Quer saber como está a construção da Agenda 2030 e as metas de nossa região? Acesse:

<https://oestepr2030.org.br/>

POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A elaboração da Política Nacional de Educação Ambiental precisa ser compreendida na história política do Brasil. A década de 1980 trouxe mudanças no país, com o início da redemocratização, tendo seu grande momento com a promulgação da nova Constituição Federal, em 1988. Também a realização da Rio-92 em nosso país foi de extrema importância para o fortalecimento da Educação Ambiental.

Com esse cenário, vários diálogos se deram no sentido de trazer para a legislação de nosso país os preceitos que já vinham sendo trabalhados no mundo e que estavam baseados nos conhecimentos acumulados dos diálogos internacionais da área. Esse encaminhamento se oficializou com a assinatura da **Lei no 9.795/99**, conhecida como Lei da Educação Ambiental, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA). Por essa lei, a educação ambiental é entendida como um componente essencial e permanente da educação nacional e deve estar presente, de forma articulada em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal.

A lei tornou explícito o conceito de Educação Ambiental que norteia as ações desenvolvidas:

“Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade”.

A partir de sua promulgação e, com a composição de um órgão gestor da Educação Ambiental no Brasil (grupo que reúne Ministério do Meio Ambiente e Ministério da Educação), é elaborado o Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA), o qual prevê uma série de ações, entre eles o Programa de Formação de Educadores Ambientais (ProFEA).



Nós, do Coletivo Educador, seguindo a PNEA também estamos criando uma política de Educação Ambiental em nosso município, e você pode contribuir muito conosco. Agora que você já leu sobre o CEMFI, que tal assumir o compromisso de construir essa política junto com a gente?

**Você pode relatar as boas práticas de Educação Ambiental que já acontecem no seu bairro e nos contar de que forma elas têm contribuído para mudar a realidade local.
E aí, vamos nessa?**

Escreva para o Coletivo ou acesse nossas redes sociais.

coletivoeducadorfoz@gmail.com
<https://www.facebook.com/coletivoeducadorfoz/>

Capítulo 3

Construção da Política Municipal de Educação Ambiental: nosso jeito de fazer

“Uma longa caminhada começa com o primeiro passo”

Lao Tsé

DE ONDE PARTIMOS?

A caminhada da Educação Ambiental no município de Foz do Iguaçu deu passos largos e agora chegou ao ponto de iniciar a elaboração participativa da Política Municipal de Educação Ambiental, uma política pública.

MAS O QUE É UMA POLÍTICA PÚBLICA?

É um conjunto de programas, ações e atividades desenvolvidas pelo Estado, diretamente ou indiretamente, com a participação de entes públicos ou privados, que visam assegurar determinado direito de cidadania, de forma difusa ou para determinado segmento social, cultural, étnico ou econômico. As políticas públicas correspondem a direitos assegurados constitucionalmente ou que se afirmam graças ao reconhecimento por parte da sociedade e/ou pelos poderes públicos enquanto novos direitos das pessoas, comunidades, coisas ou outros bens materiais ou imateriais.

Adaptado de: <http://www.meioambiente.pr.gov.br>)

Mas também podemos pensar em políticas públicas estruturantes como aquelas:

Desenvolvidas com a participação da comunidade interessada; visando o fortalecimento da mesma e a continuidade dos processos, devendo ser institucionalizada no sentido de refletir o cumprimento da obrigação do Estado em prover condições que facilitem a efetiva participação da sociedade em processos de tomada de decisão e gestão pública, sem o caráter manipulador ou meramente assistencialista.

(MARIMOTO, 2014 *apud* RAYMUNDO, 2018)

Adaptado de: Raymundo, 2018

A decisão de propor a elaboração de uma política de EA para o município trouxe a necessidade de melhor compreender o contexto socioambiental local. Isso não se faz sozinho, é preciso respeitar e compartilhar saberes, garantindo a participação real de diversos grupos comunitários, representantes do poder público, comunidade escolar, comerciantes, conselhos municipais, ONGs, associações e demais organizações da sociedade civil.

Esse desafio foi, e continua sendo, enorme, mas muitas mãos ajudaram e, assim, o Coletivo Educador partiu para uma série de ações conjuntas que serviram, e continuarão servindo, de base para construir a nossa Política Municipal de EA.

Para isso, vamos apresentar, de forma resumida, as etapas do caminho que vem sendo percorrido. Venha caminhar conosco e ajudar a semear um mundo melhor, uma cidade mais saudável e agradável de viver.



MOMENTO DE PLANEJAR

No ano de 2017, o CEMFI decidiu elaborar a Política Municipal de Educação Ambiental e para garantir que o processo de construção ficasse institucionalizado e reconhecido, solicitou ao Instituto Federal do Paraná, uma das instituições deste coletivo, o registro da ação no formato de um projeto de extensão, intitulado “Elaboração da Política Municipal de Educação Ambiental por meio do Coletivo Educador do município de Foz do Iguaçu”.

Este projeto cuidou de planejar e organizar encontros de estudos preparatórios sobre Educação Ambiental para os integrantes do Coletivo. Um desses momentos foi a Oficina “Políticas Públicas de Educação Ambiental - da formulação ao monitoramento” ofertado numa parceria com a Itaipu Binacional e a Articulação Nacional de Políticas Públicas de Educação Ambiental (ANPPEA). Nesse encontro o Coletivo entendeu a importância de fazer um Projeto Político Pedagógico (PPP) da Educação Ambiental, que tem como um dos pontos iniciais a realização de um diagnóstico local. Isso porque o PPP deve criar atividades a partir da realidade local e, para isso, foi de suma importância que o Coletivo conhecesse melhor a situação do município.

Para isso, no início de 2018, o Coletivo reuniu-se para alavancar essa ação de diagnóstico junto aos moradores locais da cidade para descobrir de que modo os moradores locais entendem e lidam com os problemas sociais e ambientais de sua comunidade. Com esse objetivo, foi elaborado um projeto de pesquisa da Percepção Socioambiental por intermédio de um grupo de trabalho envolvendo os Gestores Ambientais e alguns dos membros do Coletivo Educador, nesse caso representantes do Observatório Educador Ambiental Moema Viezzer (UNILA) e do Instituto Federal do Paraná (IFPR).



MAS AFINAL, O QUE É PERCEPÇÃO SOCIOAMBIENTAL?

A percepção socioambiental é formada pelo conjunto de experiências e atitudes sobre o meio ambiente, construídas a partir dos nossos sentidos e relações espaciais no cotidiano e dos significados que damos a elas. Estas experiências carregam conteúdo simbólico, político, cultural e social. Crenças, valores e interação com o meio interferem diretamente no entendimento da realidade.

Adaptado de: TUAN, Y. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo, Brasil: Difel, 1980.

O PROJETO NA PRÁTICA

Além desse grupo inicial, a rede de colaboradores para a realização da pesquisa aumentou e envolveu escolas, ONGs, entidades governamentais e universidades, que colaboraram tanto com apoio financeiro, como profissional, incluindo voluntários.

A pesquisa para elaboração do diagnóstico socioambiental participativo se deu no período entre janeiro de 2018 e março 2019, em 05 etapas:

1

Como pesquisar?

Nós, do Coletivo Educador, com o entendimento de que a EA deve ser crítica e participativa, percebemos que o jeito que íamos pesquisar deveria possibilitar a participação de muitas pessoas, tendo de respeitar os seus conhecimentos e saberes, escolhemos a metodologia Pesquisa-Ação-Participante ou Pessoas que Aprendem Participando - PAP. Com essa definição, buscamos entender seus princípios e suas orientações:

ORIENTAÇÕES DA PAP:

- A** Adotar princípios e valores que apontem para um futuro sustentável, reconhecendo a mãe Terra como um ser vivo;
- B** Situar-se no planeta, relacionando o Global com o local;
- C** Passar do paradigma de educador-bancário para o de aprendiz-educador;
- D** Desenvolver sinergia de interesses entre os atores sociais;
- E** Trabalhar em diferentes níveis de abstração teórica;
- F** Buscar métodos e técnicas apropriadas;
- G** Elaborar produtos diversificados;
- H** Relação entre pesquisadores/as e grupos das comunidades.

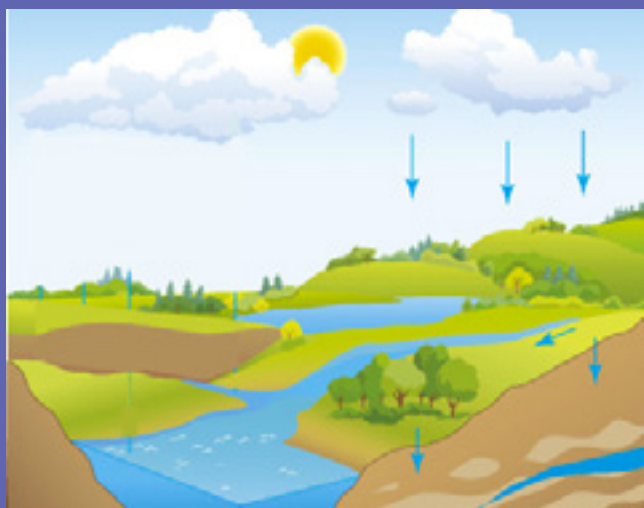
Adaptado de **VIEZZER, 2005.**

Para ouvir a maior quantidade de pessoas e garantir que representassem os diferentes lugares da cidade, decidimos usar como referência os rios, a área que existe em volta deles e toda sua comunidade de vida. Chamamos isso de bacia hidrográfica, e cada bacia é formada por microbacias.

VOCÊ SABE O QUE É UMA BACIA HIDROGRÁFICA?

A Bacia é o rebaixamento de um terreno, rodeada, geralmente, por elevações. Esta área é ocupada por um rio principal e todos os seus afluentes, bem como pelos seres vivos que vivem lá e suas relações. O mesmo que bacia fluvial.

Adaptado de: **OLIVEIRA, C. Dicionário cartográfico.** 3. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1987.



MÃO NA MASSA

Vamos aproveitar para um exercício. Você sabe o nome da microbacia hidrográfica onde mora? Caso não saiba é importante descobrir, afinal de contas nosso município possui 36 microbacias hidrográficas e toda a água da chuva que passa pelas ruas, casas e comércios chega aos rios. Isso significa que nossas ações diárias interferem na qualidade das águas desses mesmos rios que formam as bacias hidrográficas.

Veja neste capítulo a lista das Bacias do município. Dê uma olhada lá e se encontre.

Considerando que a cidade possui mais de 260 mil habitantes, foi preciso criar diferentes formas de encontro para alcançar todos os lugares e saber como as pessoas entendem os problemas ambientais e quais os projetos de sua comunidade. Escolhemos três formas diferentes: a entrevista, o questionário virtual pela internet e encontros em grupos, chamados de Oficinas de Cartografia Social.

VOCÊ SABE O QUE É CARTOGRAFIA?

Para entender essa forma de fazer os encontros com a comunidade precisamos primeiro entender esse nome (cartografia social). Você sabe o que é Cartografia? Vamos pensar: é como aprender a escrever uma “carta”, mas em forma de desenho, da cidade, do país etc. Só que o assunto desta carta você escolhe. Neste caso, foi o diagnóstico socioambiental.

O dicionário nos conta que a cartografia é um conjunto de técnicas de levantamento de dados científicos, artísticos, baseado nos resultados de observações e análise visando à elaboração e preparação de cartas, mapas projetos e outras formas de expressão, bem como a sua utilização.

Adaptado de OLIVEIRA, C. **Dicionário cartográfico**. 3. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1987.

AGORA VOCÊ JÁ SABE O QUE É CARTOGRAFIA. E A CARTOGRAFIA SOCIAL, O QUE SERÁ?

Tecnicamente, os professores Adryane Gorayeb e Jeovah Meireles, do Laboratório de Geoprocessamento (Labocart), da Universidade Federal do Ceará (UFC), definem como:

A Cartografia Social constitui-se como um ramo da ciência cartográfica que trabalha, de forma crítica e participativa, com a demarcação e a caracterização espacial de territórios em disputa, de grande interesse socioambiental, econômico e cultural, com vínculos ancestrais e simbólicos (disponível em: (<http://www.mobilizadores.org.br/entrevistas/cartografia-social>)).

Em outras palavras, é uma forma de entender o lugar onde moramos do ponto de vista dos próprios moradores, que contam suas experiências, lembranças, desejos, relações e depois desenham tudo isso junto com as coisas que tem no bairro (praças, rios, escolas e tudo mais), fazendo um mapa colaborativo sobre a comunidade.

Para realizar o trabalho com as comunidades foi necessário encontrar pessoas dispostas a colaborar, que organizamos em grupos de voluntários.

O primeiro grupo de voluntários foi composto por 24 (vinte e quatro) alunos da disciplina de Meio Ambiente e Relações Internacionais da UNILA, que se inscreveram para atuar no projeto e receberam uma formação específica para irem a campo realizar as entrevistas. O grupo foi coordenado pela equipe de Consultoria Socioambiental, da Bioadapt, que posteriormente, organizou os resultados das entrevistas. A preparação dessa equipe de voluntários foi em forma de uma oficina de 3 horas, organizada pelo Observatório Educador Ambiental Moema Viezzer, pela empresa Bioadapt e pelos membros do CEMFI.

O segundo grupo de voluntários, formado por integrantes do Coletivo, se responsabilizou em transformar o roteiro da entrevista em um questionário virtual e em fazer chegar ao máximo de pessoas da comunidade, usando a internet.

O terceiro grupo, formado por 30 voluntários, foi preparado para a realização das oficinas de Cartografia Social, aprendendo a facilitar a produção de mapas sociais.



formação das equipes Unila e CEAi 2018

Depois de planejar e definir como cada etapa da pesquisa iria acontecer, era hora de ir a campo...

De agora em diante vamos contar como cada etapa da pesquisa aconteceu: a conversa com as pessoas (entrevistas), o questionário virtual (na internet) e os encontros com a comunidade (que chamamos de oficinas de cartografia social):

PROSEANDO COM AS PESSOAS

72 moradores foram entrevistados, sendo 02 de cada microbacia (sempre um homem e uma mulher). Esta conversa buscou descobrir com cada pessoa:

ENTREVISTA:

- A** Qual sua ideia de natureza, de ambiente e de educação ambiental;
- B** Qual sua profissão, idade e estudo;
- C** O que conhece dos conflitos e problemas ambientais do lugar onde mora;
- D** Como resolver eventuais conflitos socioambientais;
- E** Quais as boas práticas socioambientais da comunidade;
- F** A quais grupos pertencem (por exemplo, o grupo dos escoteiros, o grupo da igreja, o clube de mães, o grupo do futebol ou da bicicleta...);
- G** O que a comunidade tem interesse em aprender e quem pode ajudar.

Para decidir quem seria entrevistado, fomos visitar as microbacias. Isso porque os rios percorrem os bairros de Foz do Iguaçu e, ao mesmo tempo que definem o funcionamento da comunidade de vida, são influenciados pelas ações das pessoas que ali vivem.

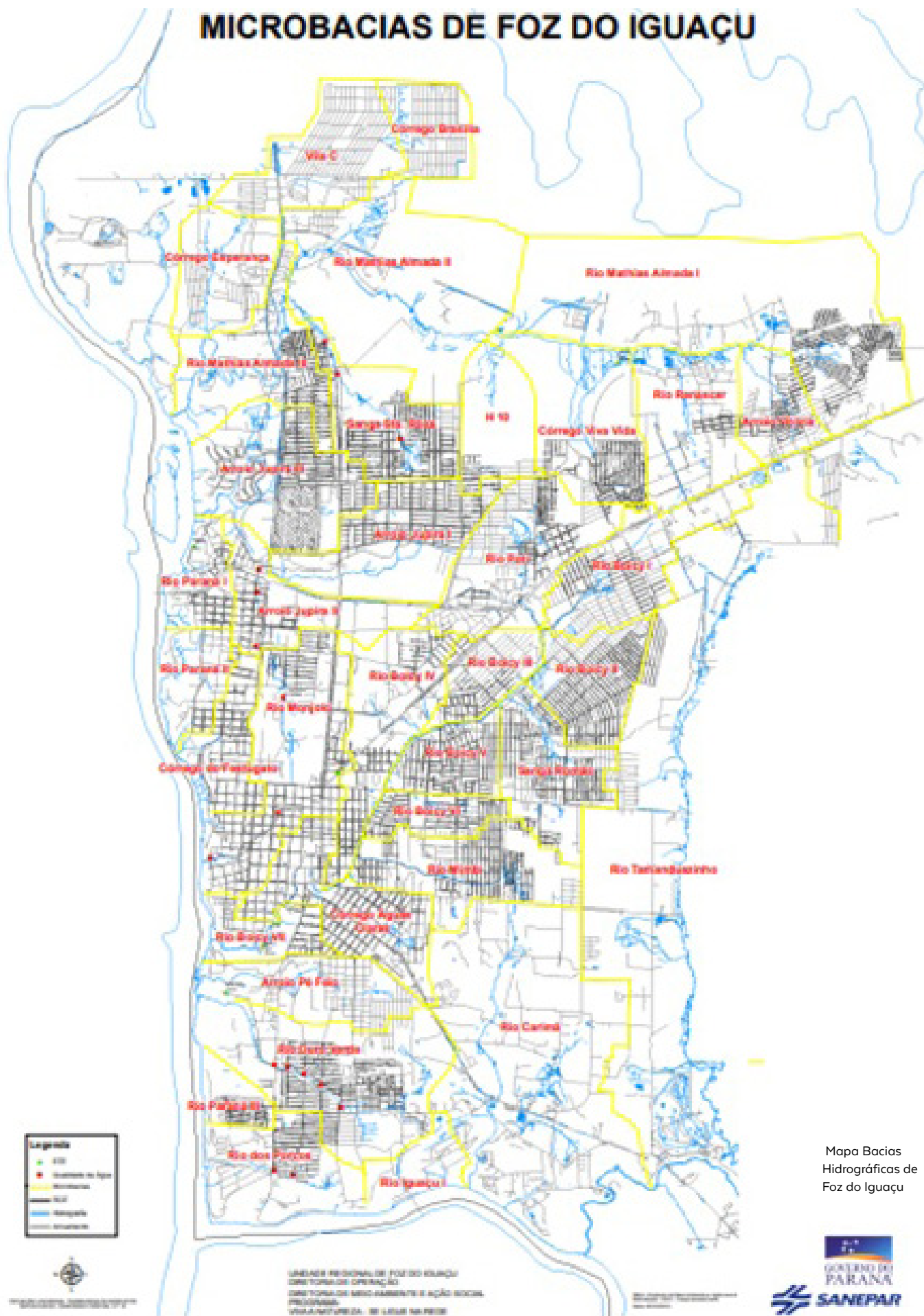
Definimos os bairros a visitar de acordo com a microbacia a qual pertencem.



DETALHAMENTO DOS BAIRROS POR MICROBACIA

Nº	MICROBACIA	BAIRROS
01	Rio Mathias Almada I	Gleba Guarani; Jardim Cedro; Jardim Vale do Sol; Jardim Colombelli; Vila Miranda. Loteamento Menger.
02	Rio Mathias Almada II	Cidade Nova I e II; Jardim Universitário; Cond. Terras Alpha; Jardim Norma.
03	Rio Mathias Almada III	Jardim Paraná; Belvedere; Condomínio Residencial das Palmeiras.
04	Arroio Pé-feio	Jardim Eliza I e II; Nossa Senhora da Luz; Vila Adriana I; Loteamento Bourbon.
05	Arroio Vitória	Jardim Novo Mundo; Parque Resid. Lagoa Azul; Três Lagoas.
06	Rio Boicy I	Portal da Foz; Vila Independente; Parque Morumbi III (R. Castelhão até R. Fonte Nova).
07	Rio Boicy II	Parque Morumbi II; Parque Morumbi III (R. Mané Garrincha até R. Castelhão); Cond. Duque de Caxias.
08	Rio Boicy III	Jardim Alice I e II; Beverly Falls Park.
09	Rio Boicy IV	Vila Matilde; Jardim Cláudia; Vila Bom Jesus; Vila Itajuba.
10	Rio Boicy V	Jardim São Francisco; Jardim Manaus; Jardim João Paulo II; Vila Militar; Conjunto Libra IV.
11	Rio Boicy VI	Jardim São Bento; Jardim São Paulo II.
12	Rio Boicy VII	Jardim Social; Jardim El Dourado; Cond. Resid. Porto Madero.
13	Córrego Águas Claras	Jardim Iguaçu; Condomínio Quinta do Sol; Vila Remígio.
14	Córrego Brasília	Bela Vista de Itaipu; Loteamento Bela Vista de Itaipu II e III.
15	Córrego Esperança	Porto Belo; Califórnia I e II.
16	Córrego Viva Vida	Jardim das Palmeiras II; Três Bandeiras; Jardim Aurora; Jardim Lancaster IV (arredores da Distribuidora de Carnes Amanda).
17	Córrego do Festugato	Jardim Renato Festugato; Jardim América; Vila Brasília.
18	H10	Jardim Curitiba IV; Condomínio Arco de Roma.
19	Arroio Jupira I	Vila A (Avenidas 1 e 2).
20	Arroio Jupira II	Vila Portes; Jardim das Nações; Condomínio Iguassu Green; Jardim Jupira (região do SESC até IFPR).
21	Arroio Jupira III	Condomínio Vila Residencial B; Jardim das Laranjeiras; Jardim Karla.
22	Rio Carimã	Vila Carimã; Jardim Novo Horizonte; Condomínio Mata Verde; Jardim São Roque III; Jardim Niterói.
23	Rio dos Porcos	Jardim Polônia; Loteamento Parque das Três Fronteiras.
24	Rio Iguaçu I	Loteamento e Residencial Cataratas
25	Rio Mimbi	Jardim Panorama II; Jardim São Luiz; Loteamento Lindoia; Linha Guarapuava; Jardim Copacabana; Jardim Naipi; Country Iguaçu; Jardim Guarapuava.
26	Rio Monjolo	Parque Monjolo; Jardim Central; Jardim Los Angeles; Vila Maracanã; Centro.
27	Rio Ouro Verde	Parque Ouro Verde; Vila Adriana II; Jardim das Flores; Vila Boa Esperança; Jardim Ana Rouver; Jardim Morenitas I e II; Jardim Veraneio; Vila Padre Monte; Parque do Patriarca.
28	Rio Paraná I	Loteamento Paraguaçu (Rua Osvaldo Cruz e Rua Hermann Neumann – estacionamento)
29	Rio Paraná II	Jardim Cristina (arredores da Paróquia Bom Jesus).
30	Rio Paraná III	Profilurb I.
31	Rio Poti	Parque Imperatriz; Jardim Canadá I e II; Jardim Duarte; Parque Presidente I e II; Condomínio Lago dos Cisnes.
32	Rio Renascer	Jardim Santa Rita; Pilar Parque Campestre; Distrito Industrial; Jardim Ipanema; Residencial Lagoa Dourada.
33	Sanga Romão	Jardim Dona Leila; Residencial Bela Vista; Vila Borges; Morumbi I; Jardim Copacabana II; Conjunto Libra III; Jardim San Rafael II; Jardim Soledade I e II; Parque Residencial Itália.
34	Sanga Santa Rosa	Jardim Curitiba I, II e III; Jardim Bárbara; Jardim Ipê; Jardim Lancaster II.
35	Rio Tamanduá e Rio Tamanduazinho	Jardim Dona Fátima Osman; Condomínio Villa Conscientia; Jardim Residencial Vitória; Arroio Dourado.
36	Vila C	Vila São Sebastião; Jardim Itaipu; Vila C.

MICROBACIAS DE FOZ DO IGUAÇU



Mapa Bacias
Hidrográficas de
Foz do Iguaçu

Como contamos antes, decidimos também que seria importante incluir mais pessoas na pesquisa e por isso colocamos o questionário na internet, esperando alcançar pelo menos 400 pessoas (uma dica dos estatísticos!), independente de gênero e do lugar onde moram. O questionário on line tinha perguntas bem parecidas com as das entrevistas. Depois de pronto o questionário, todo mundo do Coletivo Educador começou a divulgar nas redes sociais, principalmente no facebook, e convidamos muita gente para responder. O jornal e o programa, junto a rádio RCI, ajudou a divulgar também.

Cotidiano
GAZETADÁRIO
Foz do Iguaçu, terça-feira, 1 de agosto de 2010

Participe: CEMFI quer conhecer a realidade socioambiental do município

Grupo de trabalho busca contar com a participação de boa parte da população

Roseli Barquez e Danilo Moura/CEMFI
Reportagem

Dando prosseguimento à pesquisa exploratória qualitativa para subsidiar a Política Municipal de Educação Ambiental (PMEA), o Coletivo Educador Municipal de Foz do Iguaçu (CEMFI) lança, hoje (01), um questionário on-line destinado aos moradores em geral. Abordando a temática socioambiental, as questões, que podem ser acessadas no link <https://goo.gl/forms/A9pA5jGwvwtA7p1>, ficarão disponíveis até o próximo dia 31.

Para que as perguntas cheguem ao maior número de pessoas, o grupo de trabalho responsável pelo levantamento pede que os participantes contribuam com a divulgação às redes de contatos. "Foi escolhida uma ferramenta digital para que a maioria dos moradores possam participar do questionário - um dos instrumentos do estudo de percepção socioambiental no município," enfatiza Roseli Barquez, gestora de Educação Ambiental do CEMFI.

O próximo passo compreende oficinas de cartografia social para a população das 36 microbacias de Foz do Iguaçu, onde também foram realizadas as entrevistas da primeira fase da pesquisa. Coletadas por alunos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), entre maio e junho, a previsão é de que as informações sejam divulgadas em setembro.

Finalizada a coleta de dados, a partir das entrevistas, do questionário on-line e das oficinas de cartografia social, os resultados serão sistematizados, analisados e organizados em um livro de memórias. Também serão incluídos textos, imagens e mapa situacional.

Uma década de conquistas
Ao longo da última década, o Coletivo Educador desenvolveu diversas atividades, publicações, programas e projetos que o tornaram reconhecido e fortalecido. Sendo assim, o grupo considerou este ano como o momento propício para a construção da PMEa.

Este projeto também vem ao encontro das demandas apresentadas pela Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) e pelo Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA). Bem como os documentos orientadores da EA no Brasil, a iniciativa ainda está alinhada à Política Estadual de Educação Ambiental do Paraná - fortalecida com a criação da Comissão Interinstitucional de Educação Ambiental do Estado do Paraná (CIEA/PR).

Normalmente, a coordenação das ações do CEMFI é colegiada, sendo, porém, organizadas comissões e grupos de trabalho de acordo com as perfis das instituições componentes.

CEMFI
Voltado às ações de Educação Ambiental e seu enraizamento no território, o CEMFI é composto por diversas entidades do município, incluindo: escolas, universidades, empresas públicas e privadas, órgãos de governo, Organizações Não Governamentais (ONGs), associações e grupos religiosos.

ENCONTROS COM A COMUNIDADE

(ou oficina de cartografia social)

As microbacias do município de Foz do Iguaçu foram agrupadas em 6 áreas, considerando sua proximidade e a quantidade de moradores. Em cada uma dessas áreas marcamos um encontro com os moradores (a Oficina de Cartografia Social) para:

CARTOGRAFIA SOCIAL

- A** Conhecer as lideranças dessas comunidades;
- B** Saber os problemas ambientais de cada lugar e marcar no mapa onde eles estão;
- C** descobrir as ações e projetos que as pessoas estão fazendo na comunidade;
- D** Fortalecer as relações entre os moradores das microbacias.

Para nossas visitas à comunidade, foi necessário fazer o reagrupamento das Bacias Hidrográficas do Município de Foz do Iguaçu. Esse reagrupamento das microbacias usou como referência o caminho percorrido pelo rio.

MICROBACIAS DE FOZ DO IGUAÇU



PROJETO CANTARELA, Universidade de Marília
SP/2014 - 2015 - 2016 - 2017

UNIDADE REGIONAL DE FOZ DO IGUAÇU
DIRETORIA DE OPERAÇÃO
DIRETORIA DE MEIO AMBIENTE E AÇÃO SOCIAL
PROGRAMA
VIVA A NATUREZA - SE LIGUE NA REDE

2014 - 2015 - 2016 - 2017
Sanepar - 2014 - 2015 - 2016 - 2017



AGRUPAMENTO DAS MICROBACIAS PARA A REALIZAÇÃO DAS OFICINAS DE CARTOGRAFIA SOCIAL

Reagrupamos as microbacias usando como referência o caminho percorrido pelo rio.

AGRUPAMENTO PROPOSTO

MICROBACIAS ENVOLVIDAS

Bacia do Almada	Rio Almada I, II e III, Arroio Vitória, Córrego Brasília, Córrego Esperança, Corrego . Viva Vida, H10, Renascer, Vila C e Sanga Santa Rosa
Bacia do Boicy	Rio Boicy, I, II, III, IV, V, VI, VII, Córrego Águas Claras, Rio Mimbi, Rio Poti e Sanga Romão
Bacia dos Rios Jupira e Rio Paraná	Rio Jupira I,II,III e Rio Paraná I e II
Bacia dos afluentes do Rio Paraná	Arroio Pé Feio, Rio dos Porcos, Rio Ouro Verde, Rio Paraná III
Bacia dos Rios Centrais	Rio Monjolo e Córrego do Festugato
Bacia dos afluentes do Iguaçu	Rio Carimã, Rio Iguaçu I, Rio Tamandua e Rio Tamanduazinho

Depois de tudo isso, convidamos os moradores que realizam algum trabalho socioambiental para participar das oficinas de Cartografia Social: fomos aos bairros, usamos as redes sociais Facebook e Whatsapp, publicamos no jornal e até no programa de rádio foi bastante divulgado.

Construção da PMEIA chega à última etapa com oficina de cartografia

Encontros vão abranger as 36 microbacias do município, agrupadas em seis bacias

Rosani Borba e Derliz Moreno/CEMFI
Reportagem

Moradores e líderes dos bairros da bacia hidrográfica do Rio Almada serão os primeiros a participar da oficina de cartografia social realizada pelo Coletivo Educador Municipal de Foz do Iguaçu (CEMFI), como terceira etapa do processo de construção da Política Municipal de Educação Ambiental (PMEIA). A atividade está programada para a noite desta quarta-feira (14), das 18h30 às 21h, na Biblioteca Comunitária do bairro Cidade Nova.

Participarão representantes dos bairros Três Lagoas, Conjunto Residencial Aporã, Vila C, Cidade Nova I e II, Jardim Belvedere I e II, Jardim Porto Belo e Jardim Califórnia. Com a proposta de fazer um mapeamento social, "a oficina vem a ser um instrumento utilizado para trabalhar de forma crítica e participativa com a demarcação e caracterização espaciais de territórios de interesses socioculturais e socioambientais", explica Ana Cristina Ferreira, professora colaboradora do Observatório Educador Ambiental Moema Viezzer.

Sendo assim, conforme Roseli Barquez de Assis, educadora do Centro de Educação Ambiental do Iguaçu (CEAI), "esta metodologia permite demarcar conflitos, problemas sociais, problemas ambi-

entais, sentimentos de pertencimento à terra, histórias, cursos d'água, equipamentos sociais, assim como as práticas humanas. Permite também aflorar as demandas socioambientais da população".

No total, a oficina de cartografia social vai abranger as 36 microbacias do município, que foram agrupadas em seis bacias. Os detalhes dos próximos cinco encontros ainda estão sendo definidos com as lideranças dos bairros, e serão divulgados em breve.

Esta última etapa da pesquisa socioambiental, iniciada neste ano, se destina, principalmente, a pessoas que exercem algum tipo de liderança ou têm uma atuação na sua comunidade. "Conhecer moradores que vivem e realizam trabalhos sociais e ambientais no município é imprescindível para que possamos somar as forças e melhorar ainda mais a qualidade de vida no nosso lugar, por meio da construção de políticas públicas de Educação Ambiental," observa Roseli Bernardete Dahlem Pacheco, diretora de Ensino do Campus Foz do Iguaçu do Instituto Federal do Paraná (IFPR).

Foram entrevistadas, na primeira etapa deste processo, 72 pessoas que residem nas 36 microbacias. Tal ação foi coordenada pela Bioadapt, em parceria com a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Já na segunda fase, foi criado um questionário on-line, disponível no link <https://goo.gl/forms/A9pASjGxcwrtAl7p1>, para conhecer a realidade socioambiental do território.

Diversas demandas expostas pelos documentos orientadores da Educação Ambiental no país também são atendidas por meio deste projeto, como, por exemplo, a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) e o Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA). Buscou-se, ainda, alinhar o processo à Política Estadual de Educação Ambien-



Roseli Bernardete Dahlem Pacheco/CEMFI

tal do Paraná, cujo fortalecimento se deveu à criação da Comissão Interinstitucional de Educação Ambiental do Estado do Paraná (CIEA/PR).

CEMFI

Unindo instituições e a sociedade civil, o Coletivo Educador Municipal de Foz do Iguaçu é um grupo que cuida e se preocupa com a vida das pessoas e de todos os demais seres vivos da natureza. O CEMFI trabalha de forma voluntária para o enraizamento da Educação Ambiental no município, a partir de ações voltadas aos cuidados de elementos como o solo, a água e o ar - fundamentais à existência da vida com qualidade. Para coordenar as atividades, são organizados grupos de trabalho e comissões, formados por entidades de áreas afins.

Em grupos, foi realizada uma atividade de sensibilização, tendo uma duração de 3 minutos, com o objetivo de promover o relaxamento e conexão com atividade. Para isso foram utilizadas gravações com sons de pássaros e de água corrente e ao final da atividade, os participantes foram convidados a relatar suas sensações.

Depois disso, os participantes foram incentivados a contar sua história e sua atuação socioambiental, por meio de desenhos individuais. Esse registro foi apresentado, possibilitando aos participantes se conhecerem melhor, podendo visualizar-se como grupo.

Essa apresentação preparou os participantes para a atividade principal da Oficina que foi a produção do mapa situacional de sua microbacia. Nesse momento, os participantes foram convidados a observar a imagem de satélite e os mapas das microbacias colados na parede da sala. A missão era encontrar onde moravam. Com a orientação dos monitores, todos foram estimulados a buscar as referências de sua comunidade, tais como ruas, a própria casa, rios, áreas verdes e outros elementos contidos na imagem e nos mapas.

Depois de cada um já ter entendido onde estava, foi a vez de desenhar naquele mapa do caminho dos rios, o que sabiam sobre o lugar onde moram. Por exemplo: os nomes dos rios, suas nascentes e caminhos, os conflitos, as ações que já existem para os problemas locais e as soluções que propõem para os problemas ainda não resolvidos. O momento final foi a escolha de dois representantes de cada grupo para apresentar os mapas elaborados. Foi uma oportunidade para que cada comunidade se enxergasse de forma mais ampla, a partir da percepção de todos os participantes.

Agora que você já sabe como fizemos os encontros com a comunidade, vamos contar, no próximo capítulo, o que descobrimos.

Capítulo 4

O olhar dos moradores para a construção da política municipal de educação Ambiental

“ O rio é o espelho da comunidade ou seja dos que vivem em sua proximidade...o rio é vida...é um mensageiro que leva e traz a mensagem da cultura das pessoas que dele usufruem...Rio limpo, livre é sinal do povo consciente”.

(Moradora, Bacia Tamanduá-Carimã).

Como é o meio ambiente de Foz do Iguaçu? Está bem cuidado? Que problemas ambientais existem? Será que há projetos ou ações inspiradoras nas comunidades para resolver os problemas ambientais? Os moradores de Foz nos contaram o que pensam sobre tudo isso. As respostas a essas perguntas nos ajudam a ver como está a situação da cidade e a nos organizarmos para resolver o que ainda precisa melhorar. Também ajuda as pessoas dos vários projetos da cidade a se conhecerem e se reunirem para suas ações comunitárias. Juntos somos mais fortes!

O que você acha disso? Quer saber o que as pessoas disseram? Então, confira aqui alguns dos depoimentos*:

PARA VOCÊ, O QUE É MEIO AMBIENTE? E NATUREZA?

“Para mim o meio ambiente é essa parte. Antes de tudo que todo o meio onde nós vivemos, então é onde nossa casa está e como está relacionado com a parte da natureza, o ambiente, os animais e tudo isso ”(Estudante Biologia, Almada II - Tradução livre do Espanhol).

“Natureza... o que eu vou dizer de natureza? É o que Deus deixou na Terra pra nós, né... natureza ou ambiente assim, não devorar as coisas que Deus deixou, né?” (Agricultor aposentado, Almada I).

“Meio ambiente então a gente precisa preservar. Que nem aqui era só grama, mé? Daí a gente que plantou todas essas árvores que vocês estão vendo... tem o córrego ali o riozinho, né? Então a gente planta árvore pra sombra, e também pra não ficar assim só puro mato, né? A natureza pra mim é preservação mesmo de mato. Que a gente tem que ter árvore” (Dona de casa, Almada).

* Os depoimentos foram revisados preservando a linguagem coloquial.



PROBLEMAS AMBIENTAIS

“Não se vê muito, porém sempre tem, como essa presença de lixo que entendo como contaminação e que impacta o visual até na rua” (Estudante de Biologia, morador do Almada II - Tradução livre do Espanhol).

“Não tem nenhum. Aqui os moradores mesmo limpam e plantam árvore, né? Que nem aqui pro lado de baixo é área verde, né? A gente cuida ... onde a gente mora, a gente cuida” (Dona de casa, Almada I).

“Poluição, entre outras coisas também. Acho que em todo lugar tem” (Estudante moradora do Boicy).

“Seriam os problemas: a degradação do meio ambiente, a poluição, principalmente do lixo. O que eu não gosto daqui é o frio” (Morador do Boicy III, Guia Turístico).

VOCÊ SABE O QUE É EDUCAÇÃO AMBIENTAL?

“Te digo assim: educação é como a parte de que uma pessoa está te ensinando como é o manejo ou como você deve preservar esse ambiente” (Estudante de Biologia, Almada II, - Tradução livre do Espanhol).

“Eu acho que é o mesmo que nós estamos falando, né? Não desmatar, porque aqui tem muita gente que desmata toda a beira do rio pra fazer casa, né? Então aqui pelo menos na frente nossa a gente tá preservando”(Dona de Casa, Almada).

“É quando você tenta ensinar, conscientizar a população daquilo que é sustentável, daquilo que agride o menos possível a natureza e o meio ambiente” (Empreendedora, Boicy VII).

O QUE VOCÊ ACHA QUE PODERIA SER FEITO PARA SOLUCIONAR ESSE(S) PROBLEMA(S)?

“Bom, eu acho que é... as campanhas, assim como é....como é a preservação dos recursos são muito bons e eu acho que também dependem da escola” (Estudante de Biologia, moradora do Almada II - Tradução livre do Espanhol).

“Os vereadores e o prefeito “calçarem” [as ruas e calçadas], porque o imposto chega no prazo” (Morador, Bacia Almada).

“Fazer o mapeamento e planejar. Por exemplo, um bairro que nem esse aqui tem trinta anos e não tem esgoto. É um exemplo claríssimo (risos). Eu acho que inicialmente nenhum bairro deveria ser liberado sem o...os itens básicos que é esgoto, luz e...pavimentação” (Morador Boicy, Guia Turístico).

BOAS PRÁTICAS SOCIOAMBIENTAIS

“De vez em quando pegam as crianças e saem juntar lixo no bairro, as crianças do Projeto “Criança de valor” (Morador, aposentado Bacia Boicy I).

“No meu bairro tem só o presidente que de vez em quando ele faz limpeza em geral nas ruas, né? Tira o lixo, ele cuida do campo onde as crianças jogam bola que também é um ambiente muito bom pra eles, uma academia da terceira idade, essas coisas é cuidado por ele mesmo, e por nós claro, nós, moradores que ajudamos, né?” (Moradora, Dona de Casa Bacia Rio Carimã-Tamanduazinho).

“Eu conheço algum pessoal do Coletivo Jovem Educador, que acredito que faz um trabalho de educação para as escolas aí com os municípios da região aqui com os municípios da...da região aqui, mas como é o trabalho propriamente eu não conheço” (Estudante morador, Boicy VII).

Como você vê, os pontos mais comentados nos depoimentos foram o lixo e a perda das árvores. Na visão dos moradores, a solução dos problemas são as campanhas, o trabalho da escola e a ação da prefeitura e, por isso, também destacaram como boas práticas, a ação de pessoas e grupos que fazem isso.

Agora que você já conheceu os depoimentos dos moradores entrevistados, vamos verificar se nas oficinas de cartografia social as informações foram parecidas.

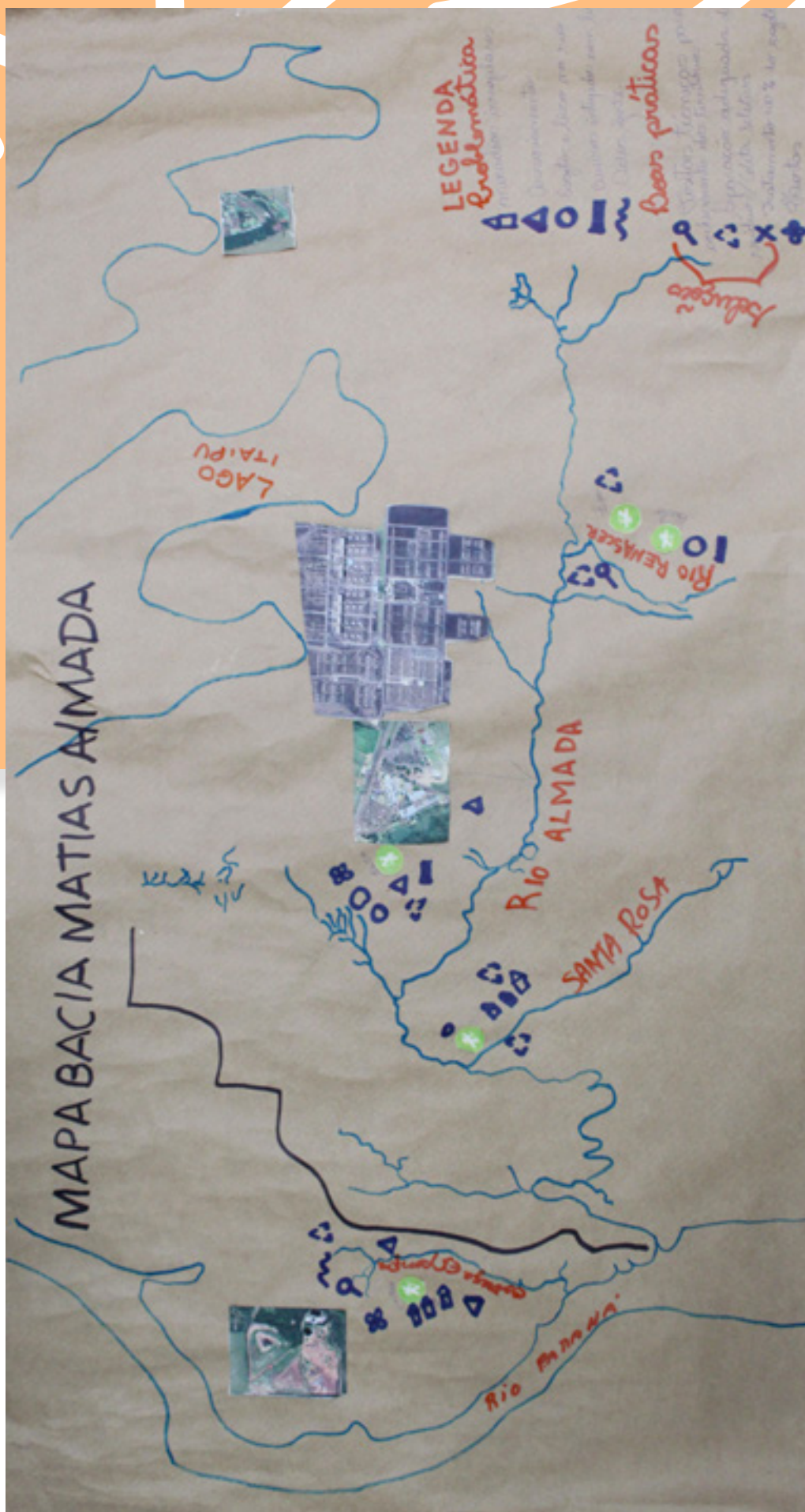
QUEM SÃO AS PESSOAS PARTICIPANTES DESSAS OFICINAS DE CARTOGRAFIA SOCIAL?

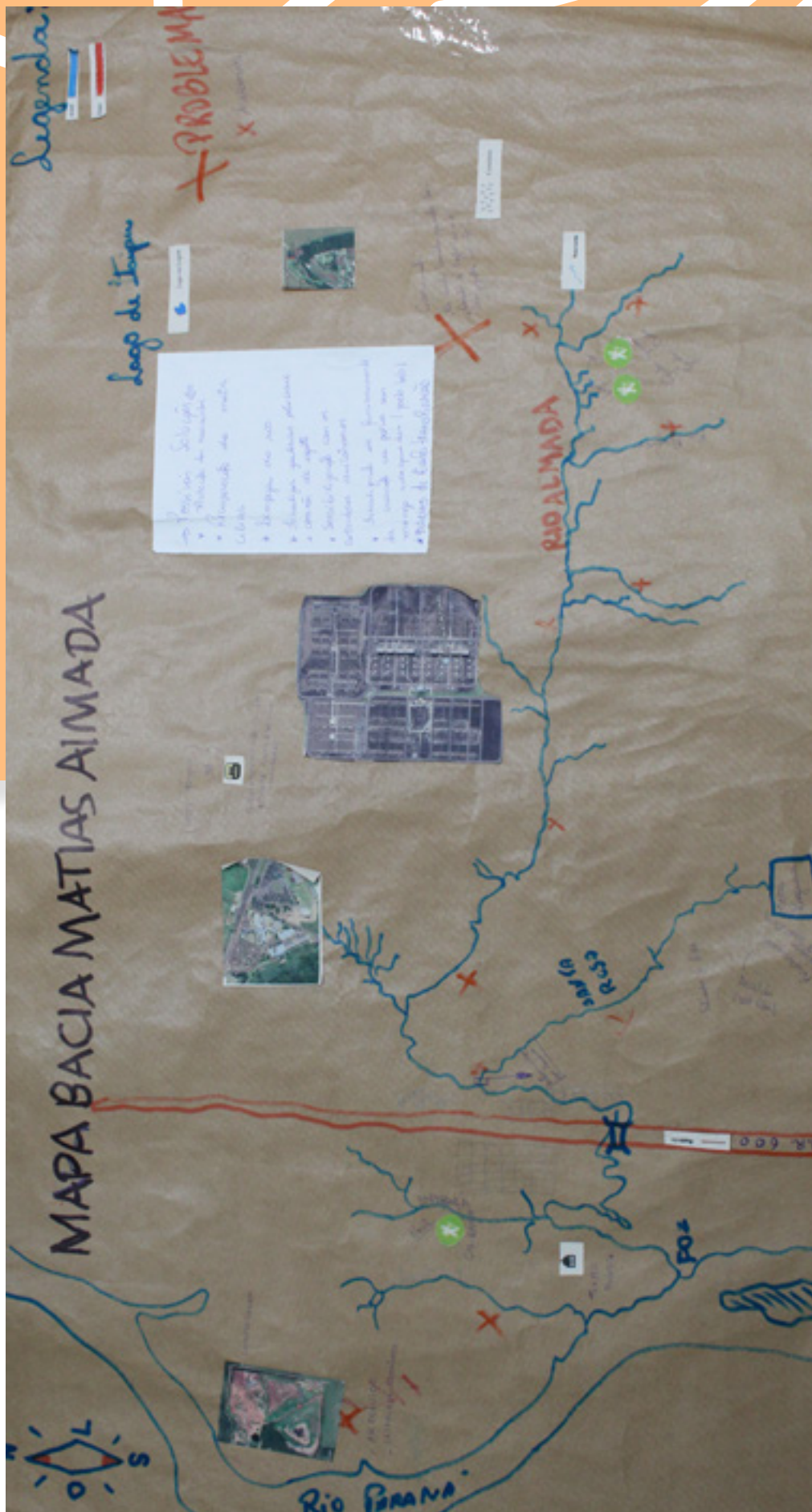
No total foram 83 pessoas participantes, entre estudantes, professores, comerciantes, donas de casa, adolescentes, aposentados, profissionais da saúde e policiais militares. O grupo com maior número de participantes foi o dos professores. Do total de envolvidos tivemos 40 homens (9 jovens, 27 maiores de 30 anos e 4 idosos), 42 mulheres (7 jovens, 30 maiores de 30 anos e 5 idosas) e uma criança.

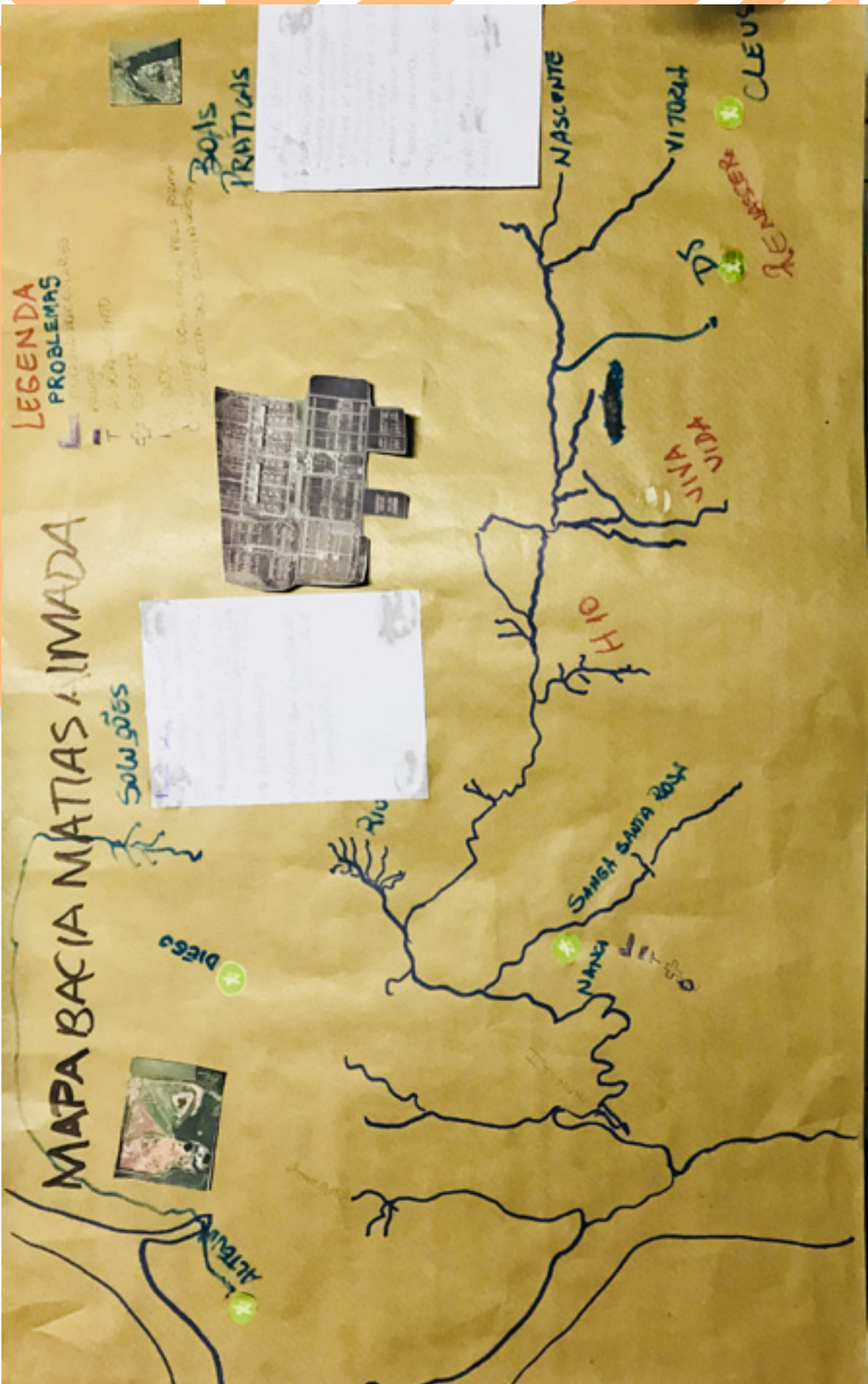
Antes de começarmos a ver o que aconteceu nas comunidades é importante relembrar que para essa atividade os rios do município foram agrupados por proximidade. Vamos lá!

AGRUPAMENTO BACIA DO ALMADA

Você sabe quais são os rios que fazem parte desta bacia? Volte no Capítulo 3 e encontre nos mapas estes rios da cidade. O nosso primeiro encontro foi na Bacia do rio Almada, no dia 14 de novembro de 2018, na Biblioteca Comunitária do bairro Cidade Nova, com a presença de 27 moradores, que produziram os 03 mapas que estão a seguir.







Nos mapas, os moradores da Bacia do Almada mostraram os problemas, propuseram soluções e indicaram boas práticas ambientais. Nós reunimos tudo no quadro a seguir pra você ter uma visão geral da conversa:

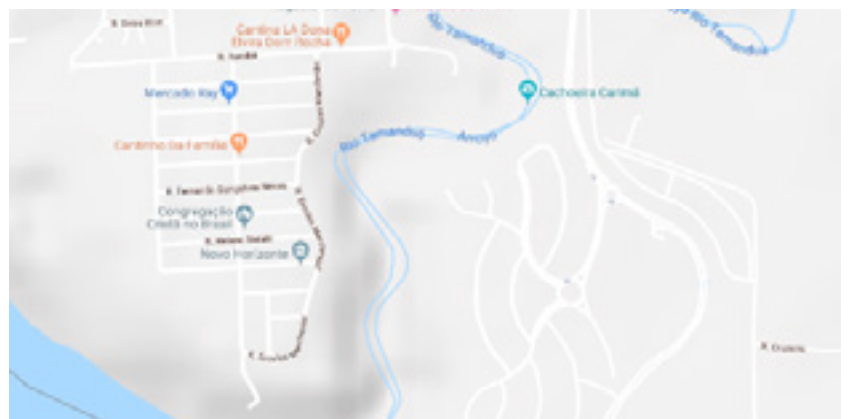
Bacia do Almada	Soluções propostas	Boas práticas já existentes
Odor forte. Bueiros entupidos com lixo. Esgoto no rio. Moradias irregulares. Assoreamento do rio. Ar poluído. Sacolas de lixo derrubadas na rua durante a coleta realizada pelos caminhões.	Proteção das nascentes. Recuperação da mata ciliar. Fiscalização de galerias pluviais. Bacias de evapotranspiração. Remoção de moradias irregulares. Educação Ambiental para os garis da cidade. Oficinas de reaproveitamento e consumo consciente. Reflorestamento da Sanga Santa Rosa. Tratamento de 100% da rede de esgoto. Limpeza e palestra com os moradores sobre a separação de resíduos. Visita técnica para conhecimento dos territórios.	Separação adequada de resíduos e Coleta seletiva. Hortas. Oficinas de plantas medicinais.

As fotos que você vê agora mostram quem estava lá e como o grupo retratou a sua realidade nos mapas.



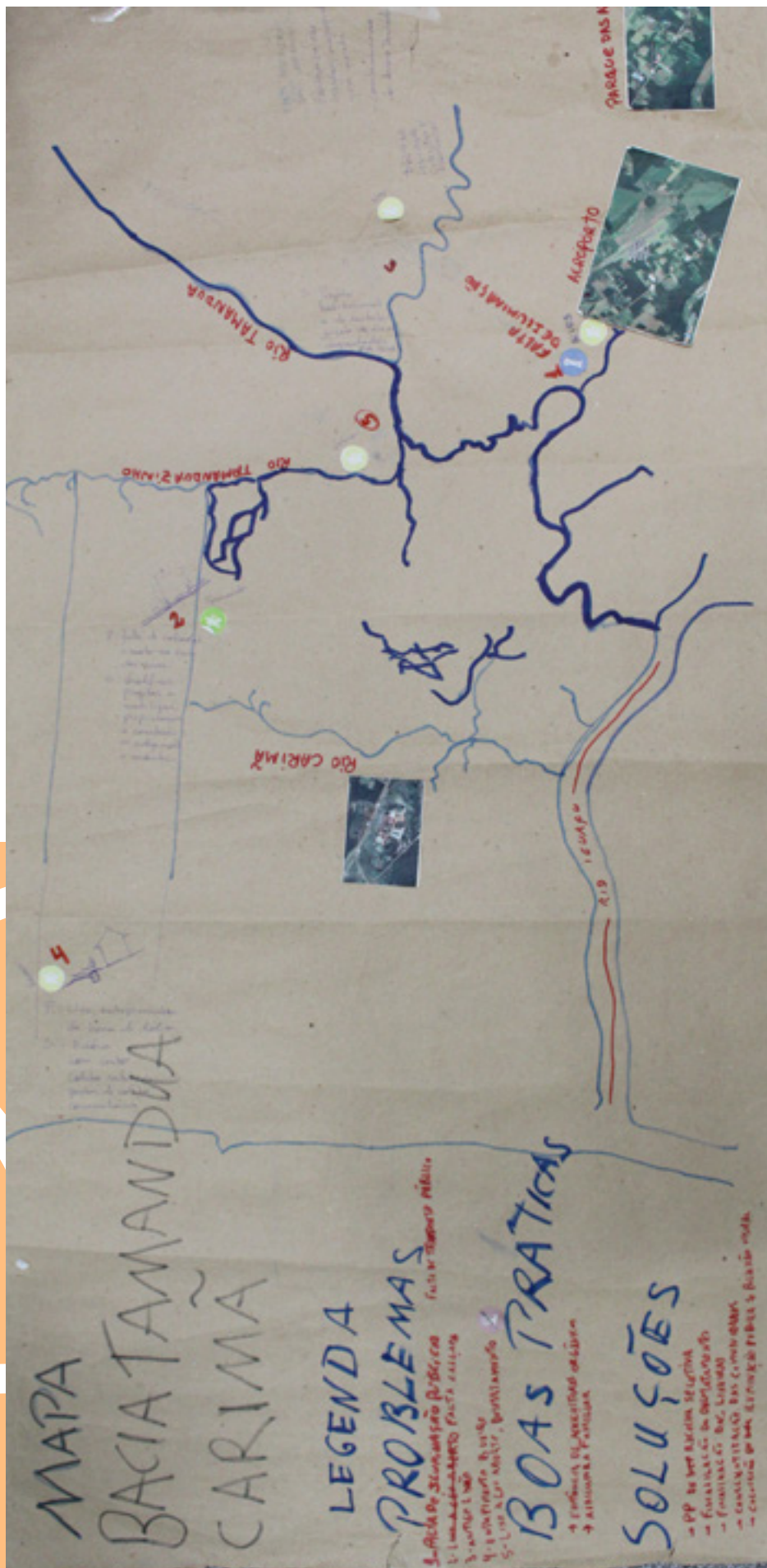
AGRUPAMENTO DA BACIA DOS AFLUENTES DO IGUAÇU

Agora que você conheceu o Almada, vamos então desvendar a próxima bacia? Dessa vez, o espaço escolhido para o nosso encontro foi a Escola Municipal desta região. Convido você a localizá-la no mapa a seguir. Quais são os rios próximos a esta escola?



Como agora você já encontrou a escola no mapa, podemos conversar sobre como foi o encontro lá na Vila Carimã, na noite do dia 20 de novembro de 2018. Esta oficina reuniu moradores da Bacia dos rios Tamanduá, Tamanduazinho, Iguaçu e Carimã.







E adivinha só? Quando os moradores desenharam no mapa os problemas, soluções e boas práticas, apareceram algumas coisas parecidas com a bacia do Almada. O lixo e a falta de proteção da qualidade da água foram os problemas que se repetiram, a horta foi a boa prática existente nas duas bacias (Almada e Iguaçu) e das soluções propostas a única que se repetiu foi a de ensinar a comunidade sobre temas ambientais. Todo o restante dos problemas, soluções e boas práticas é diferente! Confira no quadro:

Afluentes do Iguaçu (Carimã-Tamanduá, Tamanduazinho)	Soluções propostas	Boas práticas já existentes
Lixo nas áreas de lazer, ruas e matos. Não existe manejo integral do material orgânico da localidade. Poluição da água: rios e lagos. Antigo lixão, doenças muito graves. Agrotóxicos perto das moradias. Poluição sonora. Falta mais coleta seletiva de material reciclável. Falta de iluminação pública. Os habitantes do antigo lixão não tem um adequado saneamento básico. Presença de doenças associadas aos agrotóxicos.	Conscientizar mais a comunidade em temas ambientais. Preservar os recursos hídricos e nascentes. Leis de regulação de poluição sonora. Implementação de educação ambiental para fazer separação de material reciclável desde as casas. Fiscalização do desmatamento, fiscalização de lixeiras. Legislação específica que proteja o pequeno produtor agrícola.	Rede de solidariedade. Atividades coletivas ambientais. Feiras familiares agrícolas para comprar produtos sem agrotóxico. Multiplicação de boas práticas através do exemplo. Hortas familiares, em procura de alimentação mais saudável. Existência de agricultores orgânicos. Poços comunitários.

Bem bacana ver que o pessoal da Bacia do Iguaçu está interessado em alimentação saudável! E também que os moradores gostariam de contar com mais leis e fiscalização ambiental para proteger as pessoas, as águas e a mata.

As fotos ao lado trazem o momento das atividades deste encontro, onde estavam presentes 9 moradores dos rios integrantes desta bacia e 7 membros da equipe do Coletivo Educador.



AGRUPAMENTO DA BACIA DO BOICY

O rio Boicy passa por uma grande parte da nossa cidade. Por isso, ele recebe as águas de diversos rios menores. Quem sabe um desses rios está perto da sua casa. Volte ao capítulo 3 e encontre esse rio nos mapas. O encontro que fizemos nessa Bacia foi dia 24 de novembro de 2018 no Centro da Juventude-CEJU, estiveram presentes 21 moradores e 8 monitores . Você sabe porque escolhemos o CEJU?

O local foi escolhido por ser espaço de referência para a juventude, acessível, aberto e democrático, possibilitando aos adolescentes e jovens produzir e acessar bens culturais e artísticos, participar de atividades esportivas, tecnológicas e profissionalizantes, desenvolver e participar de ações que favoreçam a formação pessoal, profissional e política. Um espaço aberto a parcerias, como a que fizemos com o projeto “Desafio Lixo Zero”, do Observatório Educador Ambiental Moema Viezzer, da Unila.

Quer saber o que os moradores desenharam sobre essa região? Dá uma olhada nos mapas!





Bacia do Boicy

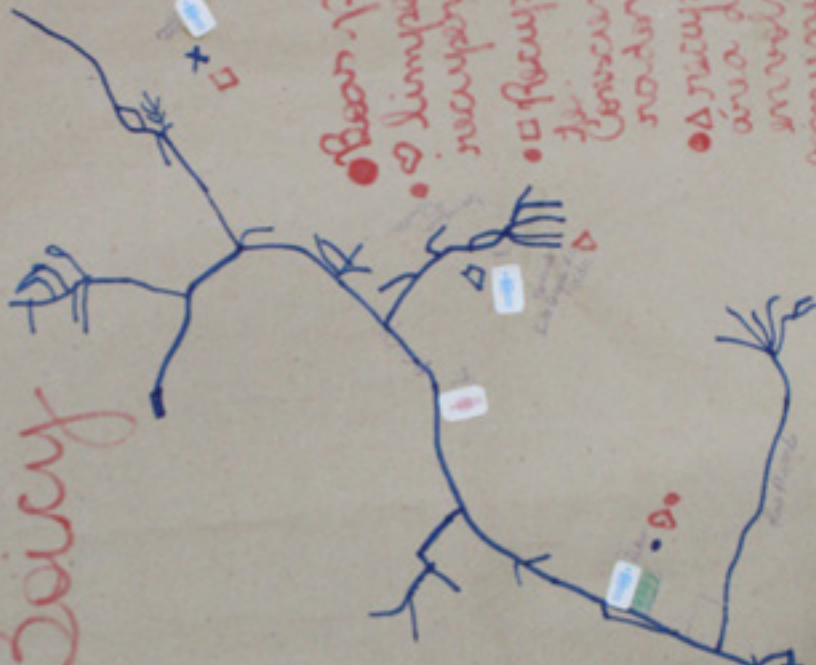
Problemas

- X falta cuidado recente
- abandono do poder público
- # alagamentos
- D resíduos / poluição

falta conexão da população

solução

- recuperar e revalorizar as nascentes.
- revalorizar as margens do Boicy todo.
- colocação de meios fixos e conservação das ruas e entornos.
- Exigir do poder público a aplicação dos recursos necessários para preservação do meio ambiente.



- Boia Boia
- limpeza, horta e recuperação da nascente
- ocupação da nascente
- conservação das nascentes
- ocupação recente
- área de lazer
- entorno da comunidade
- # limpeza, horta, horta
- que, cuidados e manutenção

Agora, para ficar mais fácil de comparar a situação da Bacia do Boicy com as outras, veja o quadro. Colocamos nele tudo que foi desenhado nos mapas e explicado pelos moradores:

Bacia do Boicy	Soluções propostas	Boas práticas já existentes
Jogam o lixo. Falta consciência da população. Canalização. Dengue. Construção do Muffato em cima da nascente do Rio Boicy. Alagamento das casas.	Reflorestamento do bosque. Pista de caminhada. Limpeza da nascente. Escola de futebol. Canalização do Rio Boicy. Conscientização da comunidade. Fazer arborização. Exigir do poder público aplicação de recursos necessários para preservação do meio ambiente. Colocação de meio fio e conservação das ruas e entorno.	Clube de mães. Artesanato. Trabalho de reciclagem nas escolas. Horta comunitária. Mutirão de limpeza e recuperação da nascente. Mutirão de recuperação da área de lazer. Cuidado com os animais domésticos.

Você viu que interessante? A horta comunitária e os mutirões são boas práticas que se repetem nessas três bacias!

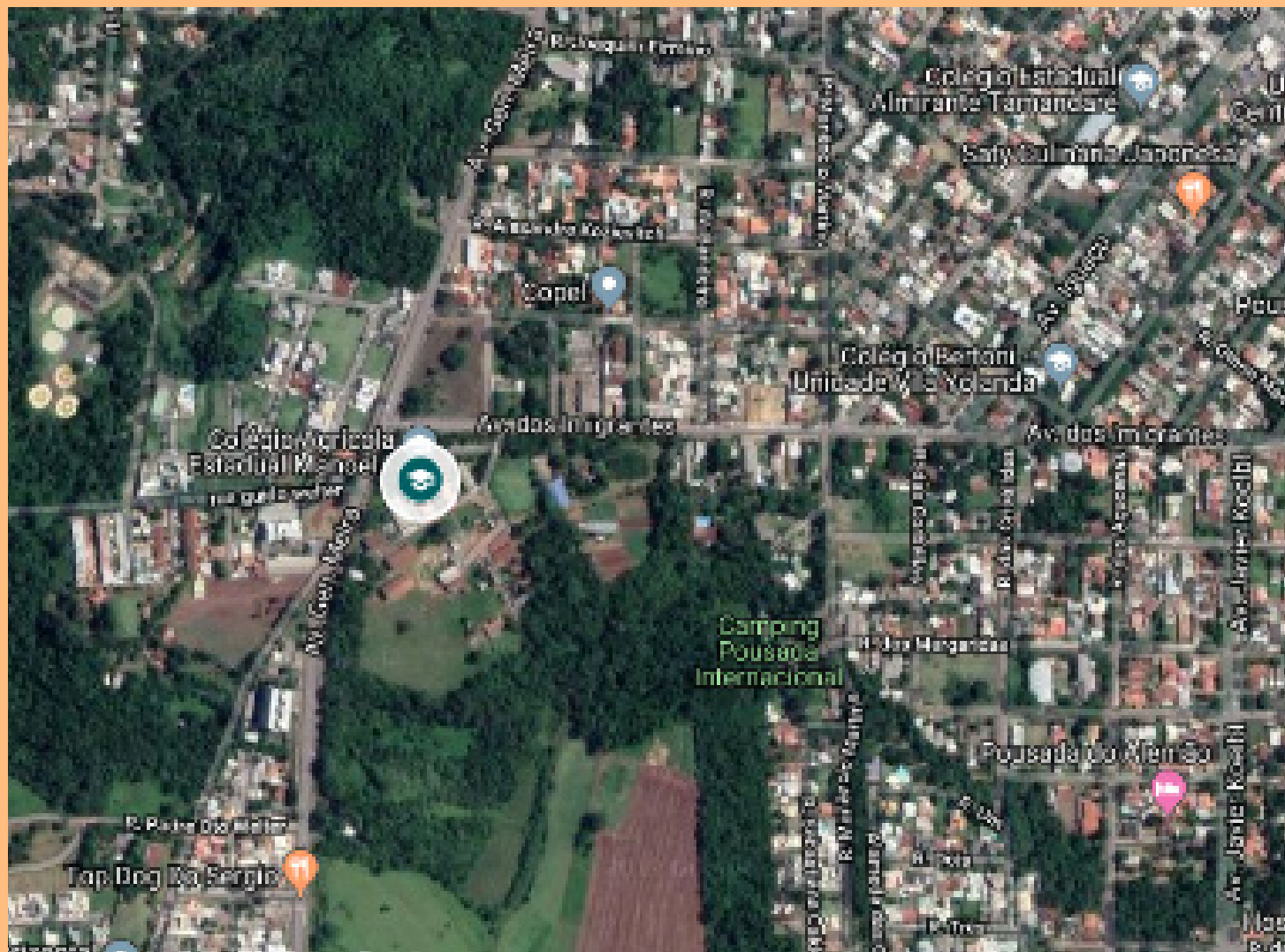
O lixo e as águas continuam sendo apontados como problemas. Parece que as várias regiões da cidade se preocupam com isso. Já entre as soluções, o grupo do Boicy destacou as necessidades de infra-estrutura urbana (calçada, campo de futebol, arborização, etc).

Nas fotos, você vê como o pessoal do Boicy trabalhou nesse dia:

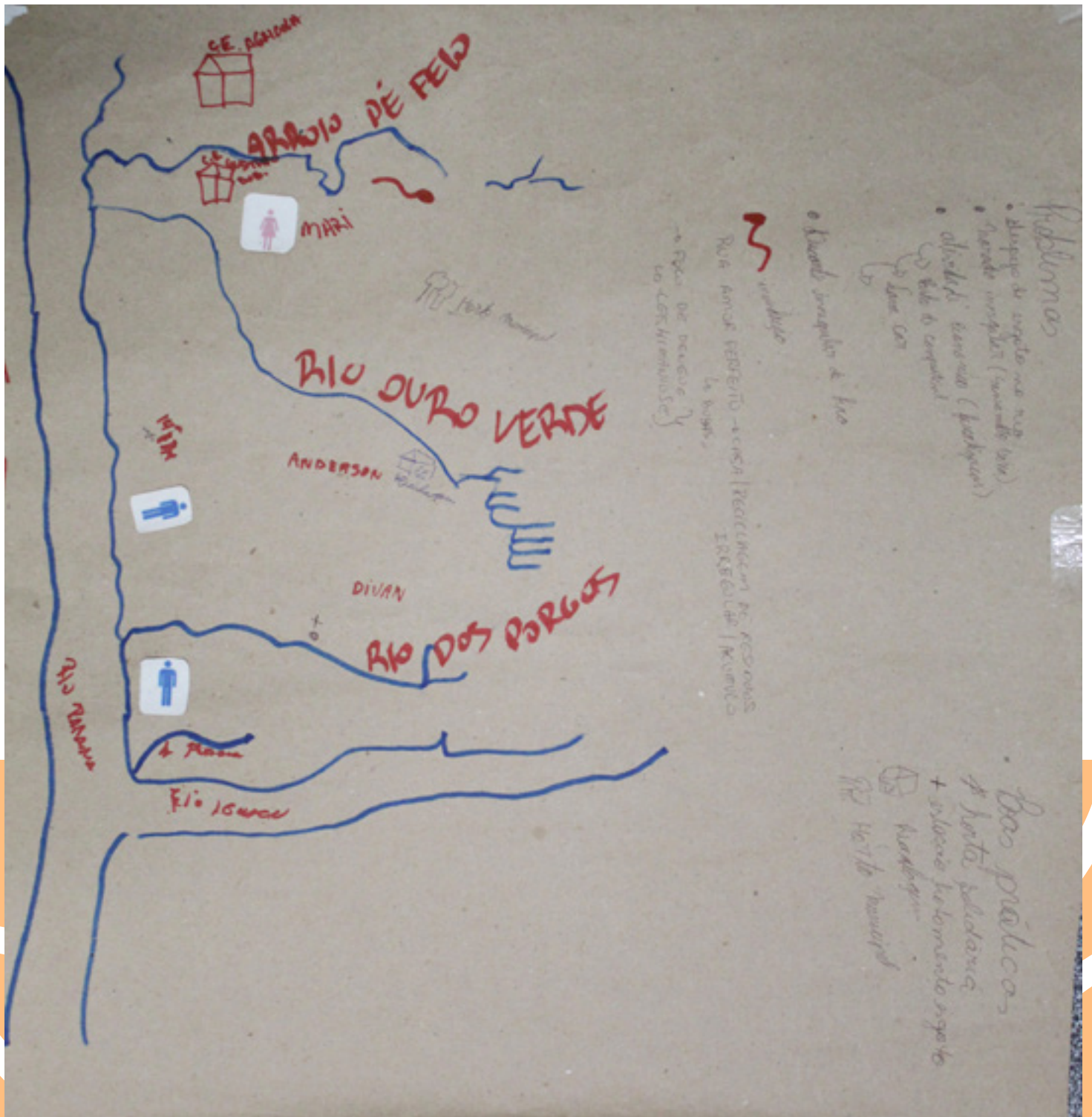


AGRUPAMENTO DE BACIA DOS AFLUENTES DO RIO PARANÁ

Nessa visita à cidade, já conhecemos a realidade das Bacias do Boicy, dos afluentes do Iguaçu e do Almada. Nossa próxima parada é a Bacia dos afluentes do rio Paraná. Este encontro foi realizado no Colégio Agrícola de Foz do Iguaçu., vamos lá, você sabe onde fica, encontre na imagem de satélite a seguir.



Encontrou? Então vamos lá saber como foi o nosso encontro, que aconteceu no dia 27 de novembro de 2018. A oficina da Bacia dos Afluentes do Rio Paraná incluiu os rios Pé Feio, dos Porcos, Ouro Verde e parte do rio Paraná III.



Problemas

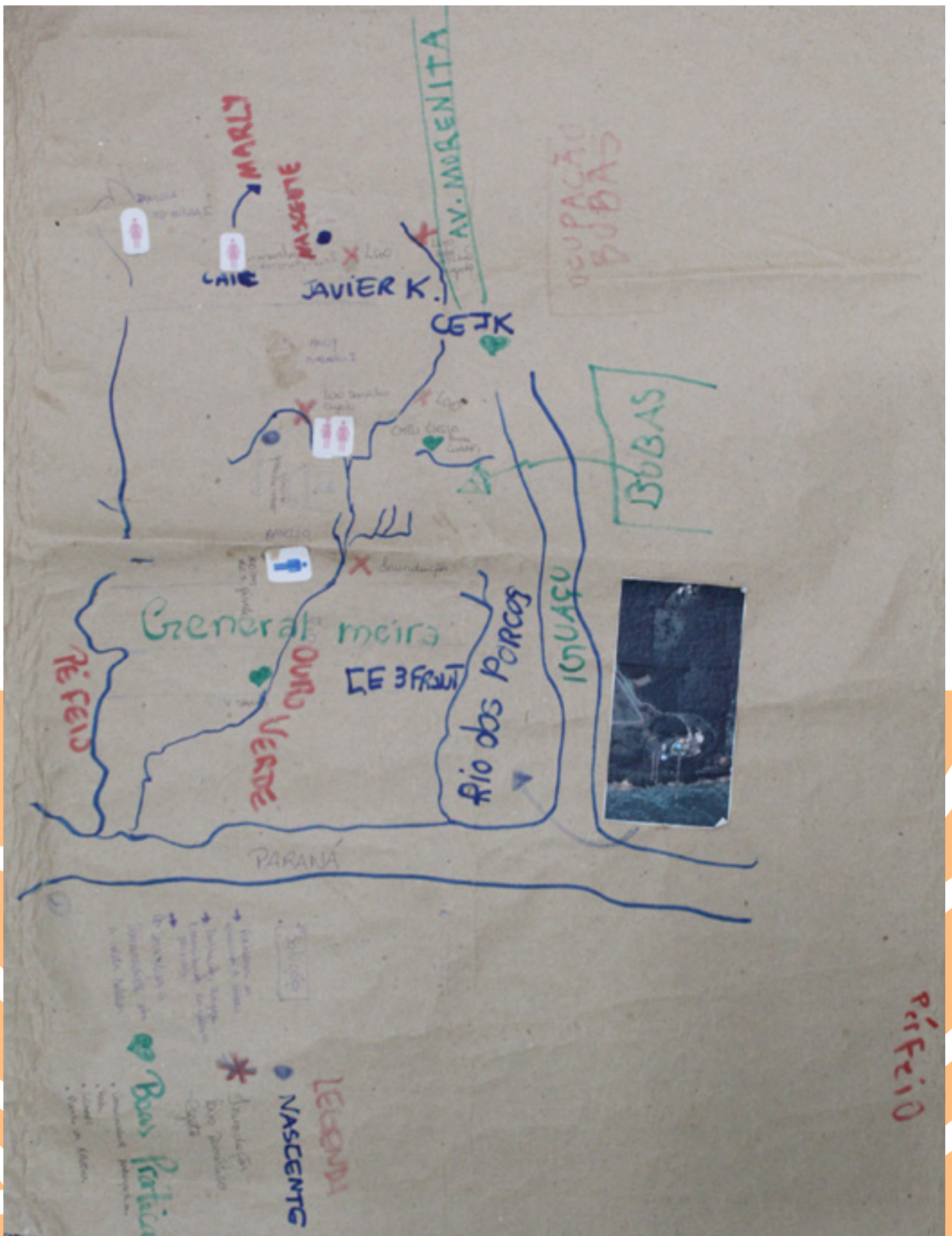
- Degradação do ambiente natural
- Queimadas ilegais (incêndios)
- Abandono das áreas (desmatamento)
- Falta de fiscalização
- Falta de planejamento

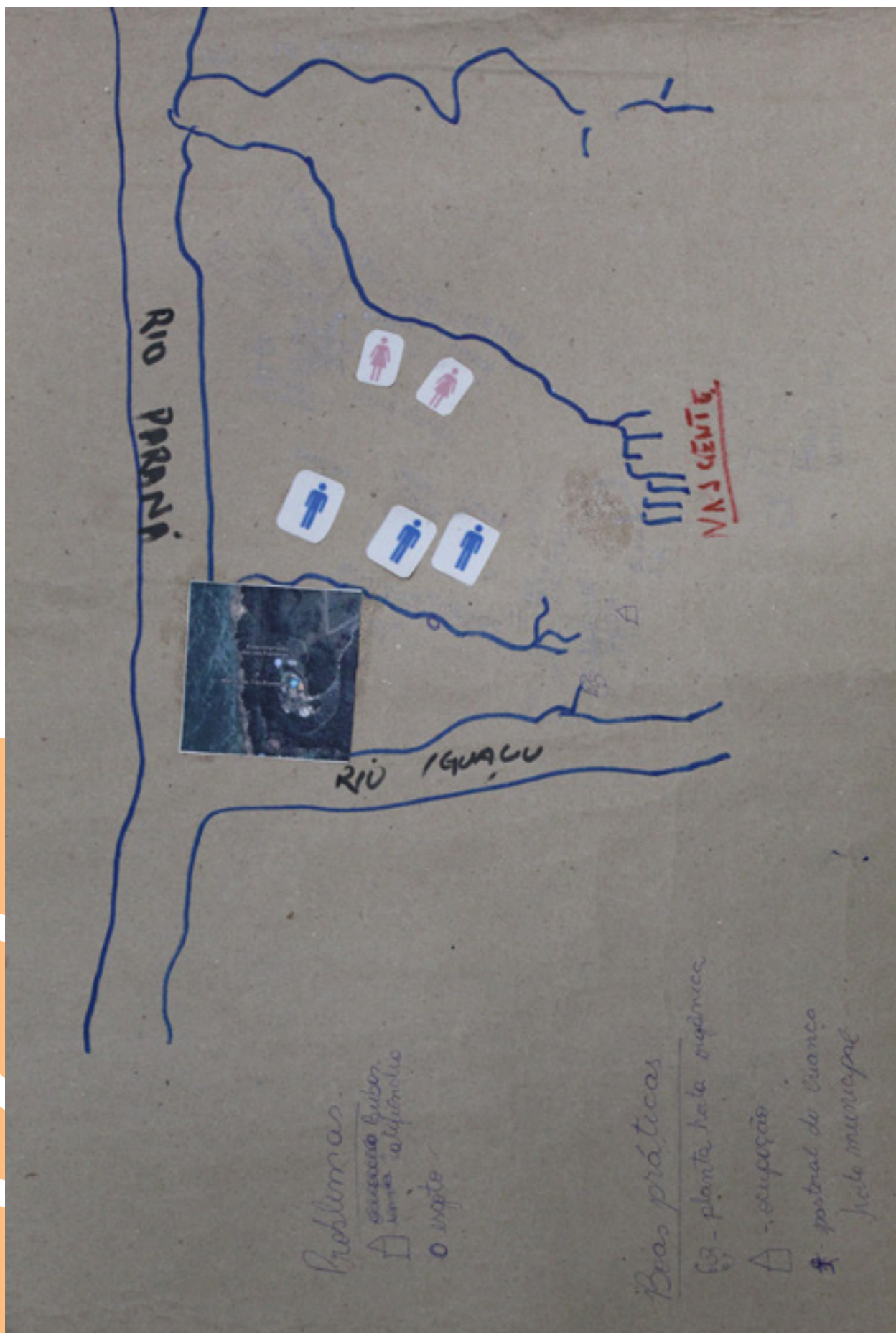
Boas práticas

- Planejamento e fiscalização
- Uso adequado do solo
- Manutenção das áreas
- Educação ambiental
- Recuperação de áreas degradadas

Boas práticas

- Plantação de árvores
- Uso de produtos naturais
- Manutenção das áreas
- Educação ambiental
- Recuperação de áreas degradadas





Afluentes do rio Paraná

Águas fluviais, inundações.

Disposição final do lixo nas áreas verdes.

Rios e nascentes poluídos.

Destinação incorreta de resíduos e esgoto.

Resíduos comerciais químicos com má disposição final.

Soluções propostas

Mais formação ambiental nas escolas

Regulação normativa para resíduos comerciais químicos.

Estratégias de comunicação social entre comunidade e instituições.

Separação do lixo e destinação eficiente.

Controle e regulação de ocupação e uso da água.

Programas de esgotos adequados.

Construção, limpeza e manutenção das galerias pluviais.

Cuidar dos arroios e rios.

Políticas de regulação e controle de resíduos e sua disposição final correta.

Boas práticas já existentes

Plantio de árvores em áreas verdes.

Comunidade participativa.

A comunidade faz limpeza autônoma dos espaços do bairro.

Horta orgânica comunitária.

Reciclagem voluntária da comunidade.

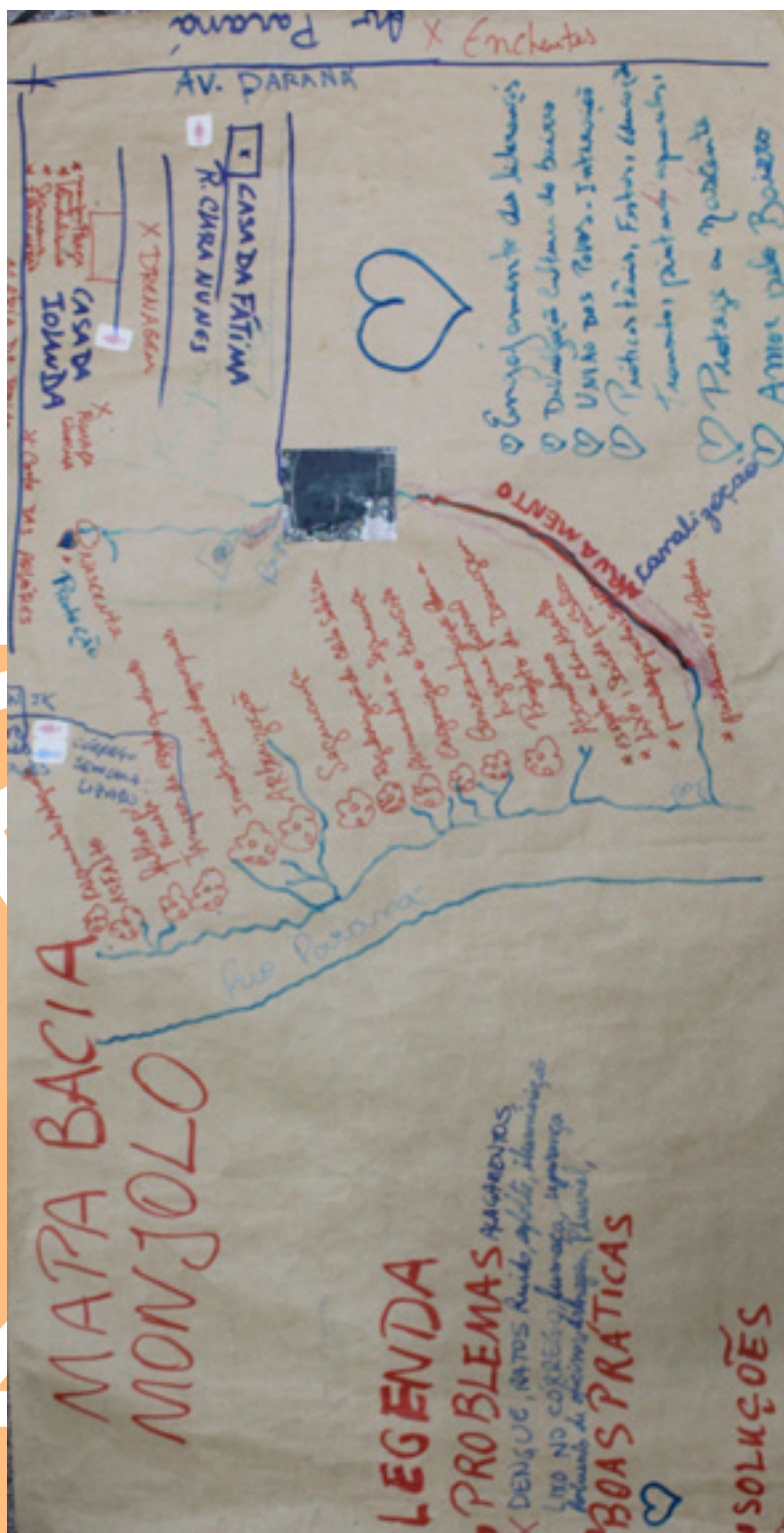
Jornadas de limpeza nas ruas.

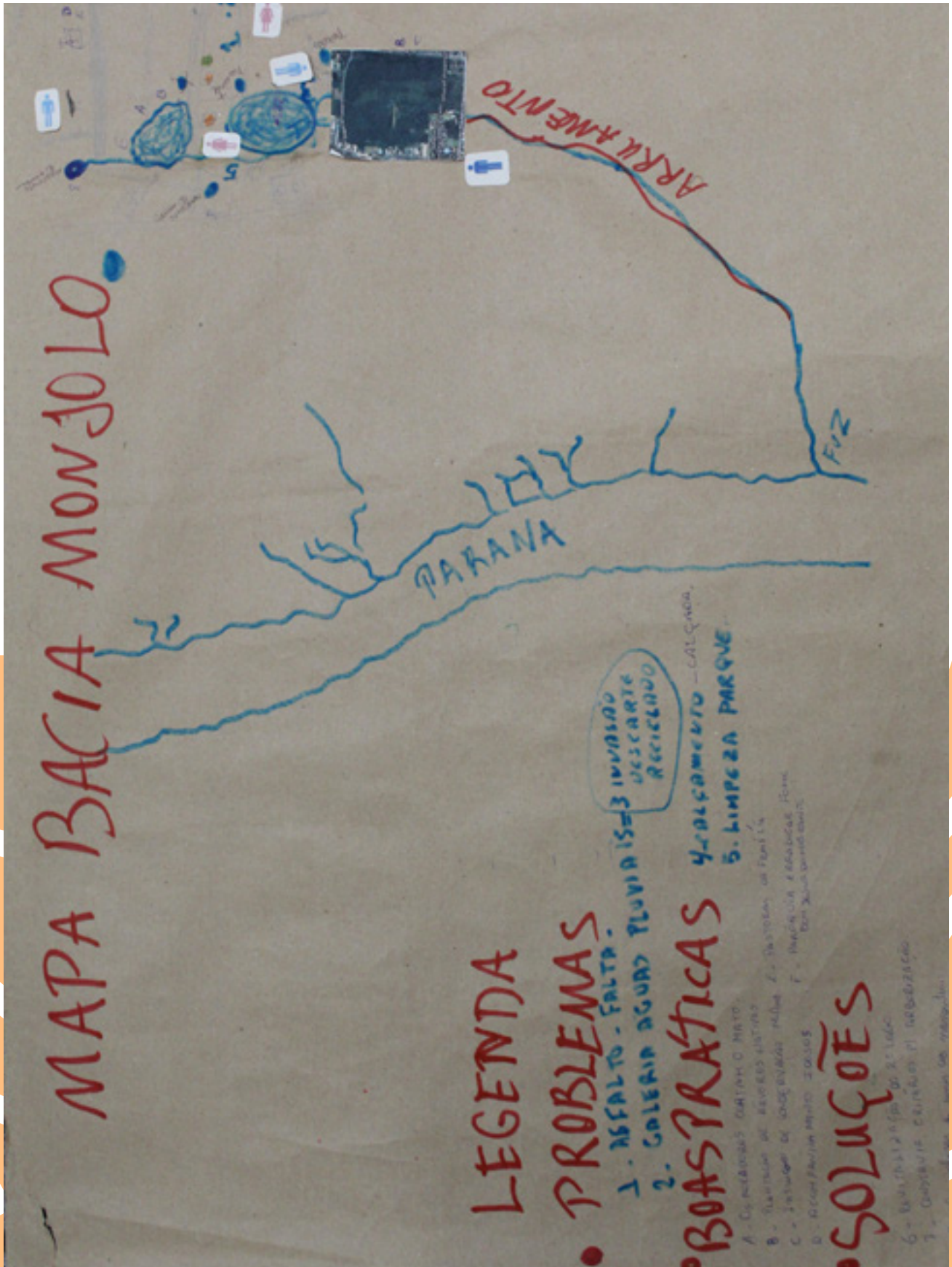
Uau! Mais uma vez apareceu a horta comunitária nas boas práticas! E mutirões de limpeza! As comunidades de Foz do Iguaçu realmente parecem estar interessadas em deixar o ambiente saudável. Problemas com o lixo e com a água foram mencionados novamente. Entre as soluções, os moradores dessa bacia também pedem mais informação ambiental para a comunidade e ação do poder público para cuidar do lixo, da água/ esgoto e da poluição. Nas fotos a seguir, podemos observar os 16 participantes apresentando seu conhecimento coletivo sobre esse território e 6 membros da equipe do Coletivo Educador facilitadores da atividade.



AGRUPAMENTO DA BACIA MONJOLO

O nosso penúltimo encontro foi realizado no dia 01 de dezembro de 2018, no Salão Nossa senhora de Fátima. Essa bacia inclui os rios Festugato e Monjolo e dentro dela temos dois belos parques, o Bosque Guarani (bacia do Festugato) e o Parque Monjolo (bacia do Monjolo). Você sabia disso? Além disso, o rio Monjolo é o que tem a maior extensão canalizada na nossa cidade. Isso o torna praticamente invisível, porque pouca gente sabe que ele passa por baixo de avenidas e prédios no centro da cidade. O que será que os moradores dessa área apontaram como problemas, soluções e boas práticas? Os mapas vão nos contar!





Como você vê, os mapas também falam! Mas se você quiser ver em palavras o que as imagens disseram, é só dar uma espiada no quadro:

Bacia Monjolo	Soluções propostas	Boas práticas já existentes
Águas pluviais (descartes). Lagos do parque não tem uma boa gestão. Lixo e saúde pública.	Revitalização do segundo lago. Arborização do parque. Melhor o uso de nascentes. Projeto de drenagem. Regularização da coleta seletiva.	Moradores cortam o mato do parque (poda). Moradores fazem limpeza das nascentes. Moradores realizam trabalhos de educação e arborização. Moradores fazem a gestão social do parque.



Olha só! Mais uma vez lixo e água aparecem como problemas. As soluções, portanto, têm a ver com a boa gestão das águas e dos resíduos. Mas o mais interessante é que os moradores dessa área já fazem mutirões para cuidar das nascentes e das árvores. Quanta gente comprometida com o cuidado da natureza e da cidade temos em Foz! Não é uma boa notícia? Vamos então ver a cara boa dessa gente engajada, a participação de 12 moradores e 8 membros da nossa equipe.

AGRUPAMENTO DA BACIA DO JUPIRA E DO PARANÁ

Ah! Chegamos no nosso último encontro, realizado em 04 de dezembro de 2018, no Instituto Federal do Paraná-IFPR, que contou com a participação de 7 pessoas moradoras da Bacia do Rio Jupira e dos rios Paraná I e II, além da equipe de 5 pessoas do Coletivo Educador. Você sabe por onde passa o Jupira? Quais são os rios que o formam? No Capítulo 3 você vai encontrar mapas que vai ajudar.



MAPA BACIA JUPIRA



LEGENDA PROBLEMAS X

● POLUIÇÃO POR ESGOTO

BOAS PRÁTICAS

LIXOTEC - COLETA
VILA B

SOLUÇÕES

□ MORADIA

□ JETE JUPIRA

Esse encontro teve gente muito animada! Muita informação apareceu nos mapas desenhados ali, observamos que assim como nas localidades anteriores compartilham de problemas parecidos.

Bacia do Jupira e do Paraná	Soluções propostas	Boas práticas já existentes
Contaminação por esgoto. Ocupação do território. Mato alto. Lixo na ponte. Poluição dos rios.	Estímulos para melhorar a coleta seletiva. Projeto de saneamento domiciliar.	Sesc. Coleta adequada de resíduos. Lixotec. Áreas verdes de lazer.

Não é que o lixo apareceu de novo?! E a poluição da água também. As soluções, é claro, passam por resolver estes problemas. Nas boas práticas, vemos que já existem iniciativas para cuidar melhor do lixo e da mata.

Foz é mesmo fantástica! Quanta gente boa fazendo coisas incríveis pela cidade toda!



CIDADÃOS CUIDADORES

Ah! Você quer saber mais sobre esses cidadãos fantásticos que cuidam de Foz? Fizemos uma pequena lista de mais projetos dessas comunidades. Se você for pessoalmente em cada lugar, vai ver que tem muito mais. Mas por enquanto, fica aqui o aperitivo:

HORTA URBANA

Na rua Rio Sul existe um pedacinho de solidariedade, que nasceu da iniciativa de um casal de idosos, cujo gosto pela terra fez brotar flores, verduras e hortaliças frescas e orgânicas. Estes produtos são doados à comunidade do Bairro São Roque. Atualmente, a horta está sob cuidados da idosa de 80 anos.

Horta Urbana. Rua Rio Sul, Jardim São Roque, 2018, Bacia Tamanduá-Carimã.



PROJETO LIXOTEC

A LIXOTEC é uma associação criada em 01 Junho de 2011 para minimizar os impactos ambientais do lixo tecnológico, assim como para devolvê-lo ao ciclo produtivo, reduzindo, assim, a extração de recursos naturais, contribuindo para as questões sociais e para a preservação do meio ambiente. Áreas que a Lixotec atua: triagem de materiais, informática, impressora 3D, eletrônica, artesanato digital e museu da tecnologia.

Foto: LIXOTEC - Centro de Coleta e Triagem de Lixo Eletrônico, Vila A.
Fonte: Adaptado de Lixotec.



COAAFI

A Cooperativa dos Agentes Ambientais de Foz do Iguaçu (COAAFI) foi fundada em 8 de fevereiro de 2002. Foi criada com o objetivo de valorizar e organizar o trabalho dos catadores de materiais recicláveis nos bairros de Foz do Iguaçu. A sua função social é promover, desenvolver, defender e assegurar os interesses econômicos e o bem estar sócio-educativo de seus associados.

Foto: COAAFI - Cooperativa dos Agentes Ambientais de Foz do Iguaçu CoR. Ouro Preto, 12 - Jardim Bela Vista de Itaipu III, Foz do Iguaçu - PR. Adaptado de COAF.

Fonte: (<http://coaafi.blogspot.com/>).



CLUBE DE MÃES

Movimento de grupo de mulheres de vários locais do município que se reúnem promovendo a integração e a cidadania. Este projeto incentiva o empreendedorismo sustentável e hoje conta com uma loja de artesanato do Clubes de Mães do município no Terminal de Transporte Urbano (TTU) que usam materiais recicláveis como fonte principal de produção. No local, são comercializados produtos confeccionados por 10 clubes de mães, como: toalhas, tapetes em crochês, pintura em tela, panos de prato bordados, sabonetes artesanais, biscuits, caixinhas personalizadas, entre outros. A loja do Clube de Mães conta com o apoio da Secretaria de Direitos Humanos do Município de Foz do Iguaçu e da Companhia de Trânsito de Foz do Iguaçu (Foztrans).

Adaptado de Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu.

Fonte: (<http://www.pmf.foz.gov.br/noticia>).





ESCOLA DO VERDE - EVOLUCIN

A Escola do Verde trabalha com ecoalfabetização bioenergética, mediante teoria e prática dos valores que são ensinados é a consciência ecológica e princípios básicos de auto-sustentabilidade, além de um cuidado especial ao Rio Tamanduazinho. Dentre as atividades são realizadas plantio e cuidado de hortaliças, pesquisa e manejo das ervas medicinais e oficinas de valores ambientais.

Foto: Escola do Verde

Fonte: Moradora da Bacia Tamanduá Carimã.



ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES E AMIGOS DO BAIRRO MONJOLO

Fundada em 02 de dezembro de 1987, a associação de moradores já desenvolveu, ao longo de sua existência, diversos projetos na área ambiental, ajudando a cuidar do Parque Monjolo. Nesse local, a associação instalou lixeiras ecológicas e os brinquedos do parquinho infantil, juntamente com um pergolado de madeira plástica. Esse espaço passou a receber escolas municipais para a prática de atividades de educação ambiental, e piqueniques comunitários da comunidade. A associação também procura atender moradores em dificuldades, tendo doado recursos para algumas instituições, como por exemplo, o Lar dos Idosos.

Fonte: Adaptado de relato de Moradora, Bacia do Monjolo.



Você também faz alguma ação no seu bairro e gostaria de compartilhar? Conte-nos fazendo acesso ao formulário:



Capítulo 5

Nossos aprendizados

“Isso aqui não vai ser fácil, mas nós estamos fazendo a nossa parte e isso faz a diferença, não vamos desistir porque a natureza pede socorro... porque nós temos que pensar... nas futuras gerações. Enquanto o ser Humano não se toca, a gente vai deixando esta semente, vai germinar....., porque eu estou há dez anos batalhando para recuperar a nascente na Vila Portes... esse ano deu certo, está a coisa mais bonita... tenho um projeto social de Horta, se quiser ir me ajudar”.

(Moradora, Bacia Tamanduá-Carimã).

Como diz o depoimento do morador, “isso aqui não vai ser fácil, mas nós estamos fazendo a nossa parte”.

Com este incentivo, continuaremos nossa caminhada. O partilhar saberes e fazeres do cuidado com o meio ambiente é uma rica oportunidade de nos fortalecermos e nos renovarmos. Enquanto Coletivo o nosso desafio é grande.

A vontade também. Agora, depois que você conheceu em que pé estamos na construção da Política Municipal de Educação Ambiental, o convite é para conhecer o que aprendemos com este processo.

Nossos depoimentos, juntos, resumem os aprendizados do grupo.

PROFESSORA SUELLEN OLIVEIRA

Coordenadora Adjunta do Observatório Educador Ambiental Moema Viezzer - UNILA

Assim como muitos que vivem em Foz do Iguaçu, eu também vim de lá, de outras bandas das Minas Gerais. Adotei essa cidade como meu lar e sou muito grata ao acolhimento que recebi. Mas a Foz do Iguaçu que eu conhecia escondia outra cidade.

Nessa as pessoas cuidam das suas ruas, plantam hortas em terrenos antes abandonados, tomam chimarrão juntas em roda, limpam as beiras dos rios, se juntam para proteger as nascentes, as escolas estão cheias de hortas, as crianças brincam em parque públicos construídos por todos, com materiais reciclados.

Vejam que essa cidade não é a violenta, como o jornal apresenta todos os dias, ou a capital do turismo das Cataratas, essa é a cidade vivida pelas comunidades das bacias.

Machu Picchu, como Foz do Iguaçu, guarda um Patrimônio da Humanidade. Essa cidade ficou escondida pelos Incas durante muitos anos, porque eles queriam se proteger dos colonizadores europeus. Penso que a Foz do Iguaçu que eu conheci, através do diagnóstico participativo para a construção da Política de Educação Ambiental, também era uma cidade escondida e agora todos podem conhecê-la.

Mas essa cidade escondida também é sagrada, porque ela me ensinou a ter mais fé nas pessoas, em todos que de modo silencioso cuidam da natureza ao seu redor e uns dos outros, pois só seremos uma Sociedade Sustentável se aprendermos a cuidar de nós mesmos, do outro e do nosso espaço.

Essa Educação Ambiental Popular da Foz do Iguaçu escondida fará a nossa política mais ética e responsável com o futuro que nos espera, pois foram esses cidadãos cuidadores participantes das oficinas os nossos verdadeiros mestres e são eles o verdadeiro Patrimônio que Foz do Iguaçu guarda para o planeta.

LUCIANA RIBEIRO

**Professora, educadora ambiental e Coordenadora Adjunta do
Observatório Educador Ambiental Moema Viezzer - UNILA**

Quando aqui cheguei para viver, em 2006, me surpreendi positivamente. Vi possibilidade de realizar muitos desejos antigos. Para começar, a cidade tinha produtores orgânicos (que entregavam em casa!); tinha hortas diversas espalhadas pelos bairros, onde se podia comprar diretamente do plantador; tinha coleta seletiva e cooperativas de catadores atuantes; tinha bosques por todo lado, Feira das Nações... enfim, uma alegria só! “Vida de qualidade”, foi o que passou pela minha cabeça. Mas Foz era ainda melhor do que isso. Muita gente bacana, querendo fazer do seu pedaço um lugar melhor para viver. Eram projetos, organizações e grupos investindo seu tempo e seus esforços na qualificação da cidade. Tudo isso me fazia sentir que tinha vindo morar na cidade certa!

Na condição de cidadã e de educadora ambiental, me entristeceu assistir, alguns anos depois, a perda desses diferenciais. As hortas foram minguando, a entrega de produtos orgânicos em casa deixou de existir e depois o próprio grupo de produtores se desarticulou, a coleta seletiva acabou e a cooperativa de catadores foi diminuindo, diminuindo... As árvores das ruas foram sendo substituídas por calçadas e frentes de lojas. Os bosques foram se tornando loteamentos, condomínios e centros comerciais. O barulhinho bom dos sapos, grilos, cigarras e passarinhos foi dando lugar ao ruído e fumaça de mais e mais carros.

Felizmente, graças a essas gentes fortes, unidas e criativas de Foz do Iguaçu, novas iniciativas surgiram. A chegada da UNILA e do IFPR, bem como de ONGs (como a BIOMA Brasil) na cidade, o surgimento e consolidação do Coletivo Educador, a criação do CODEFOZ, da ABIPIR, e de vários outros espaços de construção coletiva, trouxeram mais gente boa pra cá, interessada em recuperar o que era bom e fazer do município um lugar cada vez melhor para viver. Centenas de novos projetos floresceram e toda uma série de planos e programas governamentais foram sendo produzidos ou retomados. E o melhor: muita colaboração tem surgido daí.

Participei e participo de vários desses projetos e me senti desafiada, há quatro anos, quando diversos moradores começaram a me escrever ou ligar pedindo dicas de como se organizarem para enfrentar os problemas ambientais de Foz. Entendi que seria importante mapear estes problemas, saber o que os causava e que pessoas estavam interessadas em trabalhar na solução deles. E isso tem tudo a ver com a PMEa. Porque quando começamos a pensar na construção da Política Municipal de Educação Ambiental no Coletivo Educador, achamos fundamental incluir a percepção dos moradores sobre o lugar onde vivem. Afinal, na educação ambiental, o ponto de partida é a realidade local. Fiquei muito feliz com essa oportunidade de podermos ajudar o município a se ver com o olhar de cada pedacinho de Foz. Mais feliz ainda com a descoberta de tantas ações cuidadoras realizadas por moradores – cidadãos desconhecidos pelos jornais e TVs, mas que fazem toda diferença aqui.

Com este projeto, pude ver que há muita gente interessada em construir um mundo melhor. E quando surge a oportunidade por meio de uma ação concreta, como essa, as pessoas se engajam de verdade. A experiência viva da interação é fundamental na formação do cidadão e da cidadã, sendo especialmente rica para estudantes. Fiquei aflita quando soube que estaria viajando durante parte da realização das oficinas. Mas aprendi que grupos organizados e motivados são poderosos! A sensação de confiar nas pessoas e no fluxo das ações é um aprendizado que traz alívio (juntos somos mais fortes) e me lembra a canção do velho Raul (Seixas):

“Sonho que se sonha só
É só um sonho que se sonha só
Mas sonho que se sonha junto é realidade”

Sou grata pelos encontros e pela potência transformadora da ação coletiva. A ideia agora é conectar ainda mais as pessoas. A rede é viva, é dinâmica, e é com ela que faremos da região uma grande comunidade sustentável. Mostrando que a utopia é possível, viável e necessária.

Nesse caminho, cada um de nós aprende mais sobre si e sobre o outro, e com isso se transforma. Para melhorar o lugar onde vivemos precisamos também melhorar a nós mesmos. Um mundo sustentável é feito de “pessoas sustentáveis”. Pessoas que conhecem e amam a si mesmas e às outras pessoas e seres.

Que cuidam umas das outras e do planeta, compartilhando fraternalmente a responsabilidade da convivência.

DERLIZ MORENO

Jornalista, setor de comunicação do Coletivo Educador

Vivenciar a Educação Ambiental é construir, dia a dia, conhecimentos transformadores rumo a uma melhor qualidade de vida no planeta Terra. Cada experiência neste processo contínuo e permanente possibilita-nos crescer enquanto parte da natureza e enquanto atores socioambientais. Por vezes desafiadora, a caminhada do Coletivo Educador Municipal de Foz do Iguaçu renova nossa esperança em alcançar um mundo mais sustentável a cada iniciativa posta em prática.

Nesta jornada participativa para a elaboração da Política Municipal de Educação Ambiental, uma vez mais, o grupo mostra a força o trabalho cooperativo em rede. Aqui, o encontro entre as diferenças gera aprendizados, os quais resultam no progresso da capilarização e do enraizamento de práticas educativas ambientais em solo iguaçuense. Os frutos de uma década de trajetória evidenciam-se na consolidação das atividades realizadas no município como uma inspiração para educadores de todo o país.

Em síntese, pode-se afirmar que gratidão é o sentimento compartilhado entre os membros do CEMFI, um espaço que defende a vida e propicia um olhar holístico da existência. Independentemente das adversidades ao nosso redor, seguimos firmes, unidos em favor do meio ambiente para nós e para as vindouras gerações.

ANA CRISTINA FERREIRA NETA

Professora colaboradora do Observatório Educador Ambiental Moema Viezzer - UNILA

Sou Nordestina e sertaneja, Geógrafa de formação, professora de vocação e desvendar o mundo por meio dos estudos é minha paixão. No Nordeste, a resiliência é algo que se aprende desde cedo devido à seca. Quando eu era criança, os 12 km a pé sob o sol quente, para ir para a escola, eram o desafio diário. A roça e a horta davam o sustento e a minha determinação, perseverança e resiliência fez com que eu chegasse à Universidade e tivesse concluído meu mestrado com respeito grande a tod@s @s que trabalham para melhorar o mundo.

Chegar em Foz e ver a exuberância e a abundância da água, da mata e dos animais foi algo impactante, para quem, como eu, teve uma vida em um lugar árido. Ao conhecer este Patrimônio Natural da Humanidade, compartilhado por três países, vi a responsabilidade que recai sobre os ombros de seus moradores. Essa relíquia, que nunca deverá ser destruída, só pode ser cuidada por várias mãos e com esta publicação retornamos e fortalecemos uma rede a ser cuidada e cultivada.

As minhas experiências no Observatório Educador Ambiental Moema Viezzer - Unila, no Coletivo Educador, na elaboração e execução das Oficinas de Cartografia Social para a Política Municipal de Educação Ambiental e na escrita em conjunto deste livro, foram um presente maravilhoso. Encontrar vocês, sementes destas comunidades, donas de casas, professores, aposentados, agricultores e voluntários, que formam essa rede de solidariedade, marcou minha vida profundamente, transformando minha forma de pensar e agir, mudando meu ser de dentro para fora.

Sabemos do desafio que é viver na fronteira e compor essa diversidade. Quero estender minha gratidão aos voluntários, alunos da Unila e participantes do Coletivo Educador, que me acompanharam durante todo o processo das oficinas, colocando energia e acreditando neste sonho e tornando-o possível. Demos aqui o primeiro passo. No entanto, os desafios são muitos, mas ninguém disse que seria fácil - apenas possível.

A minha mensagem final, que escutei de uma índia muito sábia, é a seguinte: “cada pessoa carrega uma semente, mesmo que a gente ache que ela não vai dar frutos, já está plantada”.

Muito obrigad@ a tod@s. Vamos em frente, rumo ao Bem Viver!

ROSELI BARQUEZ ALVES DE ASSIS

Educadora Ambiental do CEAI

Sou iguaçuense, filha desta cidade, deste pedaço de chão que tem o nome marcado pelo povo guarani e geograficamente ser a foz do rio Iguaçu. Rio Iguaçu formado pelo encontro dos Rios Iraí e Atuba no município de Curitiba, que serve como divisa natural entre os estados do Paraná e Santa Catarina e fronteira entre Brasil e Argentina e que em sua foz banha o Rio Paraná, que por sua vez, faz fronteira com o Paraguai. Foz do Iguaçu, cidade que além de ser o encontro das águas é o encontro de povos de aproximadamente 80 etnias que convivem, trabalham e transformam esse lugar. A foz do rio Iguaçu, portanto, carrega a história e o modo de viver de inúmeras pessoas e tem muito a nos dizer.

Levando em consideração a particularidade da nossa cidade e da nossa caminhada enquanto Coletivo Educador, não poderíamos pensar na construção de uma política de Educação Ambiental a partir, apenas, de uma pesquisa científica e sim pensar numa construção embasada na perspectiva sócio-histórica, reunindo, ouvindo e respeitando a comunidade. A escolha do método de pesquisa de escuta ativa tem sido o diferencial do nosso trabalho, pois educação ambiental se faz com pessoas e para pessoas com vistas à realidade e melhoria da qualidade do ambiente vivido.

O caminho para a construção da Política Municipal de Educação Ambiental tem sido de muito aprendizado, tanto individual quanto coletivo, e reforça o pensamento e as palavras do nosso inspirador Paulo Freire “Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar”.

JOÃO PAULO ANGELI
Educador Ambiental - Gestor do CEMFI

A construção de políticas públicas, pode parecer para alguns não fazer parte do escopo de uma rede/coletivo de educação ambiental, mas, muito pelo contrário, é com um sentido republicano muito claro que entendemos que pela participação social e democrática somos possibilitados a fazer parte do cotidiano da vida política. Cada um de nós, em seus espaços e possibilidades, deve se envolver a fazer o controle social e a construir novas alternativas para o bem comum da vida em sociedade.

Quando nós, enquanto Coletivo, decidimos que construiríamos uma Política Municipal de Educação Ambiental para Foz do Iguaçu, nós sabíamos dos desafios, mas também da necessidade dessa ação. Juntamos esforços, buscamos ajuda, nos formamos, captamos recursos, planejamos e executamos algo totalmente novo e inédito. Nós não tínhamos uma cartilha de como construir um PMEa, nada estava pronto, precisamos começar do zero, iniciamos um caminho totalmente diferente e com desafios que nem prevíamos.

Se propor ao novo e a embarcar em tão ousadas ações é importante acima de tudo por causa da capacidade pedagógica que essas experiências nos trazem. Sim, tudo que fizemos foi acima de tudo importante para gerar aprendizados também para nós, tenho certeza que todos que fizeram esse longo caminho tiveram parte de sua vida transformada, aprendemos muito mais que ensinamos. Recebemos muito mais do que podíamos dar e acima de tudo começamos a conhecer uma outra cidade que não conhecíamos, bem como seus atores sociais.

A experiência de fazer um projeto para construirmos a PMEa, de escrevermos esse livro e, concomitantemente a isso, continuar o dia a dia do Coletivo Educador com as ações, formações internas, reuniões, gestão, e o Programa de Formação de Educadores Ambientais, foi, sem sombra de dúvida, uma tarefa que nos ajudou a entender ainda mais sobre o que significa ser coletivo. Nada foi fácil, tudo foi construído com a máxima de diálogo e integração. Passamos bons momentos e difíceis também, mas no final, saímos fortalecidos e com a certeza do que significa ser educador ambiental e quanto ainda temos a aprender, compartilhar os saberes e evoluir.

Fazer parte do Coletivo Educador, e da sua história que completa 10 anos, é a grata satisfação de colaborar com o dia a dia da cidade e com belos e importantes projetos para a transformação de nossa realidade. O amor é o gerador de tudo isso que foi construído até agora. Esse amor que nos move é parte da utopia da construção de um novo caminhar civilizatório, rumo a uma sociedade sustentável.

ROSELI BERNARDETE DAHLEM PACHECO

Professora do Instituto Federal do Paraná - IFPR

Junt@s e misturad@s. Assim posso descrever um pouco da minha caminhada e minha participação nesse processo. Junt@s e misturad@s enquanto grupo do Coletivo Educador, e aqui acrescento todos os colaboradores de instituições e projetos que se uniram nessa proposta e que acreditaram na necessidade de chegar aos mais diversos locais de nossa cidade, dialogando com a comunidade local. Foi um momento rico pois colocamos na prática o que estávamos fazendo COM a comunidade e não PARA a comunidade.

Junt@s porque foram precisos vários encontros para pensarmos em cada um dos momentos vividos. Junt@s porque a cada encontro buscávamos dividir as atividades a serem feitas para compartilhar as responsabilidades. Junt@s porque foi dessa forma que decidimos, executamos e refletimos sobre o que fizemos nas comunidades de Foz do Iguaçu.

Misturad@s porque o contato com os envolvidos nesse movimento ajudou muito na minha formação profissional e pessoal - me ajudou na aproximação de outras formas de pensar as questões socioambientais e com isso “misturar” os meus pensamentos com muitos outros novos. Misturad@s porque tivemos que mesclar nossas ideias de como chegar às comunidades e como transformar esse momento em prática de aprendizado mútuo. Misturad@s porque, enquanto moradora de Foz do Iguaçu desde 1995, eu me encantei em descobrir novos saberes e sentimentos das diversas comunidades do município.

Esse movimento me fez entender, ainda mais, que precisamos “ Cantar e cantar e cantar, a beleza de ser um eterno aprendiz”.

Gratidão a tod@s!

ROSANI BORBA

Professora e educadora ambiental do CEAI

Costumo dizer que sou “nascida e criada” nesta cidade, mas hoje vejo que há muitas coisas, pessoas e lugares que ao longo da minha vida por aqui eu ainda não tinha visto. Foi preciso me juntar a pessoas vindas de diferentes lugares para viver uma deliciosa e trabalhosa experiência coletiva que chamamos de pesquisa socioambiental e a escrita dela nessas páginas.

Nas andanças pelos rios da cidade se descortinaram realidades extraordinárias, algumas lindas e outras nem tanto, mas cada uma deixou em mim a certeza de que trabalhar junto é mais gostoso, ainda mais quando o trabalho é para o bem comum. Essa experiência colaborou para que a educação ambiental se fortalecesse ainda mais em mim, assim como a certeza de que há muito para conhecer e fazer.

Para encerrar, quero aproveitar este espaço para externar minha gratidão a tantos educadores e educadoras ambientais que vieram antes de mim e desse grupo do qual faço parte, são vocês que nos amparam, guiam e embasam nessa caminhada do bem.

Que possamos seguir honrando vossos ensinamentos, exemplos e vivências.

YEISON ANDRES ROJAS RAMIREZ

Estudante de Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar (DRUSA), da UNILA

Como estudante de Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar de quinto período, mas especialmente como jovem pesquisador, considero que fazer parte de uma experiência coletiva de aprendizagem, como foi o caso das oficinas de cartografia social no município de Foz do Iguaçu, foi sem dúvida uma excelente prática acadêmica de formação para a compreensão do exercício social do aluno e seu diálogo com sua cidade.

Desde outubro de 2018, me envolvi como estudante de pesquisa voluntário no Observatório Ambiental, participando do projeto de construção da PMEA, liderado pelo Observatório e por outras instituições do Coletivo Educador de Foz do Iguaçu. Minha colaboração começou com o trabalho de campo para conhecer a realidade socioambiental do município e, assim, poder ter uma visão mais próxima e clara dos desafios, projetos e conhecimentos das comunidades. O próximo passo foi participar das oficinas de cartografia social. Essa foi a ferramenta escolhida para as comunidades dialogarem e apresentarem suas experiências com base nas questões: problemas, soluções e boas práticas de cada comunidade.

Eu pude participar de quatro das seis reuniões de cartografia social realizadas levando em conta as bacias hidrográficas do município. Compreender as percepções individuais e coletivas dos participantes; fazer uso racional do tempo (três horas por oficina); observar os desenhos, comportamentos e conversas dos participantes para capturar todas as informações implícitas possíveis foi minha tarefa como monitor.

Nessas reuniões, minha visão de cada bacia foi diferente. Observar os participantes, empoderados e comprometidos em apresentar sua realidade ambiental, mas especialmente para descrever as soluções encontradas para cada questão foi realmente interessante. Também estar em contato com os representantes do Coletivo Educador, professores, estudantes, voluntários - nós treinamos uma equipe de trabalho realmente reflexiva e cooperativa. Prova disso foi o treinamento que fizemos para aplicar as oficinas e os diálogos após cada reunião, que se tornaram elemento chave para melhorar os encontros seguintes.

Cada oficina de cartografia social tornou-se um espaço onde as comunidades tinham voz, apresentavam suas iniciativas e soluções. Quais são suas verdadeiras necessidades? Qual é a sua realidade socioambiental? O que você está fazendo de forma autônoma em sua localidade para superar seus desafios ambientais locais?

Esta foi uma experiência prática para a minha formação universitária, além de compreender mais profundamente a realidade do município de Foz do Iguaçu sobre o tema educação ambiental e a importância da construção da PMEA, como requisito regulatório das comunidades do município.

MARIÂNGELA LUCKMAN
Diretora de Educação da ABIPIR

Sou empresária-empreendedora-inovadora do setor de rochas ornamentais, com premiações em inovação de processos em Sustentabilidade e Proteção Ambiental em feiras internacionais. Gosto de projetos em rede, de trabalhar em parceria para unir talentos e dar espaço sem fronteiras a quem realiza e promove transformações inovadoras para a melhor qualidade de vida no planeta.

Por isso, aceitei convite para participar voluntariamente de uma série de Oficinas de Cartografia Social, junto aos colegas do Coletivo Educador Ambiental de Foz do Iguaçu, com o objetivo de contribuir na construção da Política Municipal de Educação Ambiental.

Tive a oportunidade de conhecer a metodologia de trabalho do Coletivo em três oficinas junto à comunidade de Foz do Iguaçu. Os aprendizados principais relacionam-se às observações que pude fazer ao longo do processo dessa pesquisa participativa, tais como: o abertismo franco dos organizadores; o perfil empático dos organizadores e orientadores; o incentivo de participação de toda a comunidade dos bairros e regiões envolvidas em cada evento, antes e durante os eventos; a disponibilidade e a valorização, pelos orientadores, das contribuições de cada morador presente; a escuta ativa permanente; a orientação técnica adequada; o empoderamento promovido pela participação ativa dos moradores, conhecedores dos desafios existentes em região elencada para as oficinas; a união do voluntários em prol dos melhores resultados do projeto, superando desafios inesperados para sua concretização; o conhecimento compartilhado entre todos os participantes das oficinas; o esforço coletivo na compilação dos dados; e a força da grupalidade sadia.

KLEBER GOMES RAMIREZ

Sanepar

A Educação Ambiental é ferramenta primordial para conservação dos recursos atuais e garantia destes para as gerações futuras. É perceptível que muito ainda tem que ser feito, para que de fato alcancemos a tão sonhada sustentabilidade. Participar desse grupo, o Coletivo Educador, propicia um aprendizado gigantesco, com a troca de saberes entre os participantes, a vontade de ser e fazer a diferença, é válvula propulsora para que não cansemos, e não nos deixemos dar por vencidos nessa batalha em busca da conservação dos recursos naturais.

Participo desde 2014 no CEMFI, atuando também como gestor de EA da BP3, são momentos incríveis, de responsabilidade e amadurecimento pessoal e profissional, mas a minha história com esse grupo é muito antiga, evoluindo junto a esse grupo, desde 2005, quando trabalhei como estagiário na Educação Ambiental da Secretaria de Meio Ambiente.

Estes processos estavam apenas iniciando, e hoje poder fazer parte de um momento histórico como esse, a construção de uma Política Pública de EA, traz uma grande satisfação. Ao olhar para trás, vejo que o caminho trilhado foi sempre em direção ao sucesso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As etapas percorridas para a realização da pesquisa socioambiental no município nos trouxeram aprendizados importantes, entre eles e talvez o mais significativo possa ser traduzido pelo provérbio do povo indígena UTE, “Não ande atrás de mim; talvez eu não queira liderar. Não ande a frente de mim; talvez eu não queira segui-lo. Ande a meu lado... para podermos caminhar juntos”.

Desde o planejamento de como fazer a pesquisa até a escrita desse livro caminhamos coletivamente. Pessoas diferentes, porém, comprometidas com a melhoria da qualidade de vida no nosso município. Pensando juntas, lendo, escrevendo e refazendo cada uma dessas atividades mais de uma vez e sempre juntas.

Estar junto não significou estar perto fisicamente o tempo todo, contamos com o apoio da tecnologia. Estas linhas que estão registradas no livro foram escritas ora presencialmente, ora a distância, usando documento do (G)oogle. Conseguem imaginar mais de uma pessoa escrevendo ao mesmo tempo? Pois é, para que isso desse certo, além de escolher as palavras mais adequadas sempre pensando em VOCÊ que está lendo, tínhamos que ter o cuidado em respeitar as ideias uns dos outros e isso foi um grande aprendizado.

Houve momentos de cansaço e de estranheza, mas muitos momentos de prazer em ver que, linha a linha, esta história ganhava corpo e conseguimos registrar os passos do que estávamos fazendo. Ah! Precisamos dizer que estamos fazendo e aprendendo, literalmente ao mesmo tempo, e que isso não está terminado.

O trabalho não acaba aqui, este registro é mais uma parte do que a coletividade é capaz de fazer para que nosso município e as pessoas que nele habitam estejam em constante transformação por meio de processos educadores.

Nos conhecer e nos reconhecer por meio das ações planejadas e postas em prática com pessoas dos mais diferentes lugares da cidade, com vivências e conhecimentos diversos foi o principal resultado, mas para além disso queremos deixar também um resumo das nossas percepções.

Registramos nos próximos parágrafos, os finais deste livro, parte das descobertas da pesquisa de percepção. Com certeza haverá novas descobertas e mais uma vez convidamos VOCÊ, independentemente de ter estado conosco em algum momento dessa caminhada, a nos ajudar a encontrá-las e, sobretudo, a buscar formas de solucionar o que for necessário e implementar as soluções no dia a dia.

A primeira descoberta interessante foi a existência de um entendimento quase unânime por parte das comunidades de que a resolução dos problemas ambientais deve ser tarefa do “poder público”. Contudo, na prática, há muitas pessoas desenvolvendo ações que contradizem tal afirmação: são hortas e bibliotecas comunitárias, projetos geradores de renda, de acolhimento social e cultural. Iniciativas da própria comunidade transformando para melhor as microrrealidades. Ao mesmo tempo em que as pessoas querem atitudes mais presentes do poder público, elas mesmas estão resolvendo os problemas que identificam. Ao perceber essa aparente contradição, gostaríamos de fazer um comentário: concordamos que o poder público pode e deve ser acionado e responsabilizado por assumir seu papel na gestão do território, mas, também entendemos ser muito importante a ação que a própria comunidade tem realizado, pois isso a fortalece e deve ser valorizado, inclusive por ela mesma.

Os projetos e ações que descobrimos no território são incríveis! Aachamos que a cidade toda deveria conhecer essas iniciativas. Quem sabe inspiraria mais pessoas, em outros lugares, a criar outros projetos bacanas e ações necessárias.

Em especial as oficinas de cartografia, que foram encontros, possibilitaram a todos os participantes, tanto aos moradores locais quanto aos monitores, a oportunidade de conhecerem-se entre si e ao mesmo tempo de conhecerem outras realidades e compartilhar os saberes adquiridos e suas práticas. As diferenças entre os grupos da várias bacias demonstraram que eles se complementam, tendo sido identificadas as seguintes habilidades:

- Capacidade de articulação da comunidade em torno de uma causa ambiental, como uma “rede de solidariedade comunitária”;
- Iniciativa e pioneirismo na resolução de problemas socioambientais;
- Conhecimento do seu território de atuação.

São habilidades preciosas! Conhecer o próprio lugar e torná-lo cada dia melhor mostra responsabilidade, generosidade e senso de pertencimento. Imaginem se toda Foz do Iguaçu aprendesse com essas comunidades que visitamos! O município em breve se tornaria o melhor lugar do mundo para viver. Por isso, achamos que esses moradores são de fato sementes, pois germinam e colhem frutos do cuidado com o ambiente.

Vimos que a Educação Ambiental ainda não é percebida nas ações da maioria das pessoas que participaram da pesquisa. Inclusive, poucas vezes a própria expressão e sua definição foram citadas. E como esta pesquisa tem a intenção de ajudar a construir a Política Municipal de Educação Ambiental, entendemos que as ações educativas que virão dessa política devem valorizar os projetos locais já em andamento nas comunidades e facilitar o encontro entre projetos parecidos e pessoas que possam se ajudar. Ou seja, investir na cooperação pode ser nossa principal tarefa, enquanto Coletivo Educador. E podemos fazer isso justamente a partir das habilidades já identificadas.

Enfim, experimentamos o que nossa mestra Moema Viezzer por vezes diz: “não devemos esperar que a solução venha do planalto, pois é na planície que as transformações ocorrem, estreitando os laços que formam a inteligência coletiva”.

A “planície” é o local onde vivemos, a nossa realidade, e é aqui que as mudanças podem acontecer, a partir das nossas ações pessoais e coletivas.

Bibliografia

ACSELRAD, Henri (Org.). Cartografia Social, terra e território. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ. 2013.

ALVES, Denise. Olhar perceptivo: atividades de sensopercepção em ações de educação ambiental: caderno de roteiros / Denise Alves e Leide Marques Peralva. – Brasília: Ibama, 2010. 132 p.

BORBA, Rosani. BARQUEZ, Roseli, CERUTTI, Iracema Maria. Histórico e Vivências de um Coletivo Educador: O caso de Foz do Iguaçu. In RAYMUNDO, Maria Henriqueta Andrade; BRIANEZI, Thaís; SORRENTINO, Marcos. Como construir políticas públicas de educação ambiental para sociedades sustentáveis? São Carlos (SP): Diagrama Editorial, 2015. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/0B-lqR6O2ivgecWZyZjY3SU1yZHc/view>. Acesso em 16out2018.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BATISTA, Sinthia Cristina. Cartografia geográfica em questão: do chão, do alto, das representações. 2014. Tese (Doutorado em Geociências) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

DIAS, Genebaldo F. (1991) Os quinze anos da educação ambiental no Brasil: um depoimento. Em Aberto, Brasília: ano 10, n. 49, p. 3-14, jan./mar.

EARTHCHARTER. Carta da Terra. Disponível em: [http://earthcharter.org/invent/images/uploads/pdf-ready\(portuguese\).pdf](http://earthcharter.org/invent/images/uploads/pdf-ready(portuguese).pdf). Acesso em 07fev2019.

ECODESENVOLVIMENTO. O que é a Carta da Terra. Disponível em: <http://www.ecodesenvolvimento.org/espaco-carta-da-terra/o-que-e-a-carta-da-terra>. Acesso em 07fev2019.

FERRARO, Luiz Antônio. SORRENTINO, Marcos. Coletivo Educadores. in MMA, Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras(es) Ambientais e Coletivos Educadores. Brasília: 2005. Disponível em http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/encontros.pdf. Acesso em 17out2018.

FURTADO, Janine Dorneles. Os caminhos da educação ambiental nos espaços formais de ensino-aprendizagem: qual o papel da política nacional de Educação Ambiental? . Disponível em <https://periodicos.furg.br/remea/article/viewFile/2830/1602>. Acesso em 07fev2019

LEFF, Enrique (1999). Educação ambiental e desenvolvimento sustentável. In: MAZZOTTI, Tarso B. (1997). Representação social de “problema ambiental”: uma contribuição à educação ambiental. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília: v.78, n.188/189/190, p. 86-123, jan./dez.

Ministério do Meio Ambiente. Carta Da Terra História. Disponível em http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/CartaDaTerraHistoria2105.pdf. Acesso em 07fev2019.

OLIVEIRA, L. (Orgs). Percepção ambiental: a experiência brasileira. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel; UFSCar, 1999. p. 139-52.

ONU. Conheça a Agenda 2030: Conheça o plano de ação global para mudar o mundo até 2030. Disponível em <http://www.agenda2030.org.br/sobre/>. Acesso em 07 fev 2019

OLIVEIRA, C. Dicionário cartográfico. 3. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1987.

PEDRINI, Alexandre de G.(Org.) (1998). Educação Ambiental: reflexões e práticas contemporâneas. Petrópolis: Vozes.

PREFEITURA Municipal de Foz do Iguaçu. A Cidade. Disponível em: <http://www.pmfi.pr.gov.br/conteudo/%3bjsessionid%3db563e6784cd7d80ff07flef7b748?idMenu=1004>. Acesso em 15 mai 2019

RAYMUNDO. Maria Henriqueta Andrade. branco, Evandro Albiach. BIASOLI. Semíramis. Indicadores de Políticas Públicas de Educação Ambiental: Construção à Luz do Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global e da Política Nacional de Educação Ambiental. Disponível em file:///C:/Users/PC/Downloads/1209-Texto%20do%20artigo-2551-1-10-20180712.pdf. Acesso em 16mai2019.

RAMINELLI, Ronald. A natureza na colonização do Brasil. In: REIGOTA, Marcos (org.). Verde cotidiano ; o meio ambiente em discussão. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

REIGOTA, Marcos. Meio Ambiente e Representação Social. São Paulo: Cortez, 1995.

REIGOTA, Marcos (Org.). Verde cotidiano: o meio ambiente em discussão (pp. 111-129) Rio de Janeiro: De Paulo Ed., 1999.

RIBEIRO, Luciana Mello. O papel das representações sociais na (Educação Ambiental. Rio de Janeiro: PUC (dissertação), 2003.

RICHTER, Denis. Raciocínio geográfico e mapas mentais: a leitura espacial do cotidiano por alunos do Ensino Médio. Presidente Prudente 2010. xx, 320,p.

SCHAMA, Simon. Paisagem e memória. São Paulo, S. P: Companhia das Letras, Editora Schwarcz Ltda., 1996.

SILVA, Ronaldo Gomes. A Lei 9.795/99 e a efetividade da sustentabilidade ambiental. Disponível em <https://jus.com.br/artigos/51926/a-lei-9-795-99-e-a-efetividade-da-sustentabilidade-ambiental>. Acesso em 07 fev 2019

SORRENTINO, MARCOS et alli. Política pública nacional de educação ambiental não-formal no Brasil: gestão institucional, processos formativos e cooperação internacional. 4a Conferência Internacional de Educação Ambiental, Ahmedabad, Índia, 2007.

VIEZZER, Moema L (org). Círculos de aprendizagem para a sustentabilidade: caminhada do coletivo educador da Bacia do Paraná III e entorno do Parque Nacional do Iguaçu 2005/2007. Foz do Iguaçu: Itaipu Binacional; Ministério do Meio ambiente, 2007.

VIEZZER, Moema L. Somos todos aprendizes: Lembranças da construção do Tratado de Educação Ambiental. Disponível em <https://tratadodeea.blogspot.com/2008/06/somos-todos-aprendizes-lembranas-da.html>. Acesso em 07 fev 019

TUAN, Y. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo, Brasil: Difel, 1980.

_____.(1983). Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo, Brasil: Difel.

UNESCO (1980). La educación ambiental: las grandes orientaciones de la Conferencia de Tbilisi, Paris.

REALIZAÇÃO:



APOIO:



PREFEITURA DE
Foz do Iguaçu
Construindo uma nova cidade



PARCEIROS:



UNILA
Universidade Federal
da Integração
Latino-Americana



INSTITUTO
FEDERAL
PARANÁ